



ACTAS DO CONSELHO SUPERIOR

DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMÁRIO

I. Carta do Reitor-Mor

O Ano da Fé e o Centenário da Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora
Contexto histórico — I. Como celebrar o Ano da Fé — Desorientamento de ideias — O nosso plano doutrinal e operativo — A Catequese: tarefa bem definida da Congregação — Exame de Consciência que se impõe — Corajosas decisões e coerência de vida — II. Como celebrar o nosso Ano Mariano — A Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora — Maria na história da nossa salvação — Empenhos para o Ano Mariano: doutrinários, devocionais, apostólicos — Expedição missionária — Centro juvenil — Casa para Exercícios Espirituais.

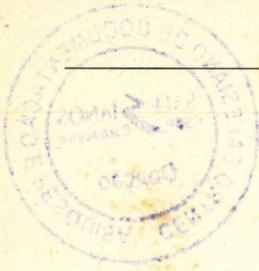
II. Comunicações

Celebrações do Centenário de Nossa Senhora Auxiliadora — Faculdade de recitar, em Comunidade, o Breviário em língua vulgar — Nomeação de Inspector.

III. Documentos

Faculdade de recitar, em Comunidade, o Breviário em língua vulgar.

IV. Necrológio (3º elenco de 1967).



I. CARTA DO RETTOR MOR

Roma, 6 de Novembro de 1967

Irmãos e Filhos caríssimos,

Dirijo-vos esta carta de Roma, onde me demorei ainda alguns dias após a clausura do Sínodo, no qual participei, como vós sabeis. Foi um mês de trabalho incessante, de troca de experiências, de perspectivas, de apreciações, para a solução de graves e urgentes problemas que se agitam hoje na Igreja.

Ainda durante o Sínodo tive a alegria de prestar devota homenagem a S. S. o Papa Paulo VI que, como sempre, foi de uma amabilidade mais que paterna ao falar da família salesiana, que ele bem conhece. Foi-me também possível apresentar saudações, em vosso nome, e receber o cordial abraço do venerando Patriarca Atenágoras.

Contactei bastante com numerosos Prelados e com muitos deles tratei de problemas que interessam á Congregação. Mas os contactos mais frequentes, como bem compreendereis, foram com os outros Superiores Gerais que participavam no Sínodo. Assim se estabeleceu entre nós uma cordial e fraterna colaboração não só com respeito aos problemas do Sínodo, como para tantos outros, comuns, hoje em dia, aos Institutos Religiosos.

Voltando ao Sínodo, muitos problemas da ordem do dia interessam directamente a nossa vida: pensai nos problemas da formação, e nos da renovação litúrgica; considere-se a capital importância que têm para nós os problemas respeitantes á fé e á moral.

Posso dizer-vos que a vasta temática foi tratada com amplitude e profundidade, considerada debaixo de todos os aspectos: para

tanto basta exemplificar que as intervenções orais na aula, sempre com toda a liberdade e respeito mútuo, foram, em certos argumentos, além da centena (mais da metade dos presentes), muitas mais que as apresentadas por escrito na Secretaria.

As várias comissões, ao serem reapresentadas novas propostas á aprovação dos padres, examinaram e tiveram em conta, diligentemente, as respectivas intervenções.

E tudo isto num clima de grande serenidade e, coisa deveras edificante, com a constante preocupação de construir *positivamente*, á luz da realidade em que hoje vive a Igreja e da experiência deste período pós-conciliar, no qual, junto a tanta coisa boa e frutuosa, tem, infelizmente, pululado algo de deteriorante, e, por vezes, até, de prejudicial e de condenável.

Motivo de conforto para toda a nossa família deve ser o sentido de grande equilíbrio e a constante preocupação de manter a via média, que o Sínodo apresentou: é verdade que, logo depois do Concílio, nós quisemos avançar, sim, mas sempre na regra do equilíbrio e na escolha daquela via média de que o Sínodo nos deu um exemplo edificante, confirmando a excelência da linha que a Congregação tem seguido e tenciona seguir.

Neste nosso avançar e renovar-nos sem, todavia, destruir, mas construindo sobre o passado e, mais ainda, enriquecendo-o, as duas grandes ocorrências para cuja celebração no ano próximo nos preparamos, serão para nós simultaneamente uma prova e como que um benéfico incentivo.

O ano da fé e o Centenário da *Basilica de Nossa Senhora Auxiliadora* são um chamamento único, harmónico e eficaz, neste particular momento histórico da Igreja e da Congregação.

Permiti que vos entretenha acerca deste dúplice e agradável argumento: satisfazendo assim a necessidade do meu coração, sinto que vou ao encontro do vivo desejo de tantos Irmãos que esperam, precisamente nesta ocasião, uma palavra de ânimo e orientação de quem tem a grave e primária responsabilidade de guiar a Congregação nestes tempos, que não são fáceis.

Entro, sem mais, no assunto.

Contexto histórico do nosso Centenário

Permiti-me que, em primeiro lugar, vos faça notar o contexto histórico e eclesial, no qual se insere a nossa celebração centenária, pois afigura-se-me ser esta a melhor maneira de lhe apreender o verdadeiro e profundo significado.

Estamos no imediato pós-concílio. Acaba de concluir-se o primeiro « Synodus Episcoporum » da história da Igreja. A mesma Igreja está toda empenhada na sua propria renovação.

Paulo VI proclamou o « Ano da Fé », que deve levar-nos ao aprofundamento e á vivência da nossa fé, para comemorar frutuosa-mente o centenário de martírio dos santos Apóstolos Pedro e Paulo.

No âmbito da nossa Família salesiana todos estamos solidariamente preocupados com a « redimensão », querida pelo XIX Capítulo Geral, e que deve actuar-se em clima de diálogo sereno e construtivo, e no empenho fundamental de uma renovação interior, que, deve, por sua vez, levar cada membro da família salesiana a ajustar-se ás exigências da sua total consagração ao Senhor e ao apostolado próprio da Congregação.

Pois bem, o Centenário do nosso maior templo mariano oferece-nos ocasião propícia para nos inserirmos eficazmente nas citadas orientações e planos operativos da Igreja e da Congregação de hoje.

De facto, o pós-concílio, empenhando-nos na viva e laboriosa prática dos ensinamentos e das directrizes conciliares, exige também que na nossa vida espiritual e no nosso apostolado sacerdotal actuemos os sólidos princípios de devoção mariana, que o Concílio nos propôs, ao apresentar-nos Maria Santíssima, á luz dos planos salvíficos divinos, indissolúvelmente associada a Cristo Salvador e á Igreja, na história da salvação.

Também o Ano da Fé não se pode viver plenamente ignorando Nossa Senhora. Maria Santíssima é, de facto, a primeira Crente; pela sua fé na Palavra divina, que lhe erevelava os desígnios de Deus acerca dEla, mereceu ser proclamada bem-aventurada: « Bem-aventurada és tu, que acreditaste, porque se cumprirá o que da parte do Senhor te foi anunciado » (Lc. 1,45).

Também o capítulo oitavo da « Lumen Gentium » sublinha repetidas vezes a fé de Maria, e A apresenta como modelo a todo o que acredita.

Maria é, além disso, « objecto » da nossa fé, porquanto a sua missão, as suas prerogativas e os seus privilégios são revelados por Deus e pertencem ao depósito da fé.

Maria Santíssima está vitalmente inserida em todo o mundo da nossa fé: « reúne e, para assim dizer, reflecte em si os dados máximos da fé », como afirma a « Lumen Gentium » (n. 65). Na verdade Ela está ligada por relações admiráveis ás Três Pessoas Divinas. Tendo-nos dado consciante e livremente o Salvador, está vitalmente inserida na história da nossa salvação, mediante a sua virginal maternidade divina, que a associou ainda a toda a obra salvífica do seu Filho, continuada depois* na Igreja. Os seus privilégios sobrenaturais de imaculidade perfeita e de plenitude de graça recordam-nos as riquezas divinas e os sagrados compromissos da nossa vocação baptismal. A sua Assunção gloriosa fala-nos do nosso destino eterno, que é o fim da graça da adopção divina. Não é, portanto, possível considerarmos Maria Santíssima sem que sejamos introduzidos em uma luminosa e laboriosa vida de fé, precisamente a que nos é insinuada pelo Papa no Ano da Fé.

Também as iniciativas, em que a Congregação está empenhada, para actuar o XIX Capítulo Geral, extraem a sua mais segura garantia de eficaz successo da devoção á Padroeira celeste e Fundadora da Obra Salesiana — para usar a palavra de D. Bosco.

De facto, Maria sustenta-nos e conforta-nos, com a sua presença e assistência maternas, para que possamos, da melhor maneira, levar a cabo as nossas responsabilidades, procedendo connosco como o fez com o nosso Pai, que sempre foi á frente com o auxilio de Nossa Senhora.

O ano centenário da consagração do Templo de Maria Santíssima Auxiliadora deve, na verdade, ser um ano mariano, assinalado por uma devoção mais convicta e operosa a Maria Santíssima, considerada no mistério de Cristo e da Igreja, que é como no-La apresenta o Vaticano II, no clima de renovação espiritual que nos trouxeram o Concílio e o Capítulo Geral.

Lema para 1968

No sentido de valorizar estes auspiciosos « sinais dos tempos », estas felizes coincidências, e empenhar a nossa família na vivência do Ano da Fé, renovando a nossa devoção mariana na escola do Concílio, pensei propôr-vos o seguinte lema para o ano de 1968: « *Acolhendo com filial devoção a exortação do Sumo Pontífice para o Centenario de São Pedro e São Paulo, convido toda familia Salesiana a celebrar o ano da fé com o propósito vivo e generoso de:*

— *aprofundar o valor autêntico da fé*

— *consciencializar a sua realidade e eficacia na nossa vida*

— *dar testemunho dela na hora presente com coerencia cristã.*

A Virgem Auxiliadora, válido esteio e defesa da fe, no Centenário da Consagração da sua Basilica em Turim, nos anime neste propósito ».

Como vedes, o lema baseia-se nos dois elementos que caracterizam o precioso ano que iniciamos — Ano da Fé, Centenário do nosso maior templo mariano: e, o mesmo lema, convida-nos a caminhar neste seguro paralelo: exercício da fé renovoamento da devoção mariana.

Eis os dois grandes temas que desejo explicar-vos, a fim de que, sintonizados com as normas da Igreja e da Congregação, e pessoalmente renovados no espírito, possais comunicar um fluxo novo de vida sobrenatural ás almas que nos estão confiadas.

1 - COMO CELEBRAR O ANO DA FÉ

O Ano anunciado por Sua Santidade o Papa na Exortação apostólica « *Petrum et Paulum Apostolos* », relaciona-se com a renovação promovida pelo Concílio e com o programa pastoral da Encíclica « *Ecclesiam Suam* ».

Não se trata de um acontecimento isolado, senão de uma iniciativa providencial, que nos ajuda a viver o Concílio e a « *sentire cum Ecclesia* ». A exortação referente ao Ano da Fé tem em vista incrementar a vitalidade da Igreja, a fim de a tornar consciente, em todos

os seus membros, da missão bem determinada que lhe toca no mundo contemporâneo, e de a estimular á renovação interior e exterior com vista á sua inserção apostólica no mundo, com o qual deve dialogar, para o levar á salvação.

A Igreja é a sociedade dos crentes, e a fé é o início da justificação. Por isso o Ano da Fé contribui eficazmente para o renovamento da Igreja tornando-a, cada vez mais e melhor, a « sociedade dos crentes »; o exercício da fé viva e operosa, favorece-nos a missão salvífica. E desta maneira são actuados os planos pastorais da Encíclica « Ecclesiam Suam ».

Segundo se depreende do texto da Exortação pontifícia, são estas as grandes intenções do Santo Padre na comemoração centenária do martírio dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo. De facto, é desejo do Papa que « a comemoração centenária do martírio dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo se concretize de modo special, para toda a Igreja, num grande acto de fé. E — acrescenta Ele — queremos reconhecer nesta ocorrência a feliz oportunidade que a Divina Providência oferece ao Povo de Deus, a fim de que este tome consciência exacta da sua fé, a fim de que a reavive, purifique, confirme, e confesse » (Exhortatio, Osservatore Romano, 23 Fev. 1967).

E o próprio Sumo Pontífice que assim nos precisa os objectivos do Ano da Fé; os mesmos objectivos que eu vos parafraseei no lema.

Os propósitos são claros: convém, todavia, apresentá-los de maneira mais concreta, para facilitar a sua actuação na nossa vida pessoal e no nosso apostolado de mestres e testemunhas da fé.

a) **Aprofundar o valor autêntico da Fé**

Seguindo a escola da Sagrada Escritura e do Concílio Vaticano II, devemos afirmar que a fé, no seu aspecto pessoal, enquanto virtude teologal, é a atitude consciente, convicta e livre do homen para Deus, que se revela e comunica na pessoa de Jesus Cristo e no Seu Espírito, pelo decurso da história da Salvação. Esta atitude desenvolve-se no consentimento pleno, digamos, na adesão da mente, do coração, da acção plena e total.

Por isso a fé conduz á caridade, ou seja á plena comunhão com Deus, á observância filial da sua lei paterna, na firme esperança do seu auxílio e da realização das suas divinas promessas.

A fé confere, portanto, novas perspectivas á vida, illumina-a de certezas celestes acerca dos planos salvíficos divinos que se realizam na história humana mediante a história da Igreja.

Por intermédio da fé cremos em Deus, Pai, Filho, e Espírito Santo, isto é, aderimos firmemente á SS. Trindade, que opera em nós, na Igreja e no mundo; e assim, apoiados na graça, aceitamos com firmíssimo assentimento da mente, da vontade e das obras tudo o que Deus revelou e operou no curso da história da salvação, e que nos é proposto para crermos, como objecto da Revelação divina, pelo Magistério da Igreja.

A nossa fé é, portanto, *teologal*, porque nos une á SS. Trindade, fonte infinita de luz e de caridade, supremo objecto e motivo da fé.

A nossa fé é, ainda, *cristológica*, porque Jesus Cristo é o autor e o aperfeiçoador da fé, porquanto, sendo ele o Verbo divino, se fez homen, a fim de nos comunicar os tesouros de verdade e de vida, hauridos ne seio do Pai.

E, finalmente, a nossa fé é *eclesial*, porque na Igreja de Jesus Cristo nós recebemos a fé por meio do baptismo, que nos inseriu no Corpo Místico de Cristo, para que vivamos, anunciemos, testemunhemos a fé. Por isso a Igreja foi definida pelo Concílio Vaticano II como « comunidade dos crentes », « comunhão de fiéis », « mestra e testemunha da fé » (*Lumen Gentium*, n. 12 ss.).

O valor autêntico da nossa fé é-nos apresentado pelo Concílio, com estas palavras: « A Deus, que revela, é devida a obediência da fé, por meio da qual o homen se abandona inteira e livremente a Deus, e lhe presta a completa homenagem do intellecto e da vontade, aderindo voluntariamente ao que Ele revelou. Para que possamos possuir esta fé, é necessário que sejamos premunidos e fortalecidos pela graça de Deus, são necessários os auxílios interiores do Espírito Santo, para que Ele mova o coração e o faça voltar de novo para Deus, abra os olhos da mente e dê a todos doçura no aderir e no acreditar nas verdades. Consequentemente, para que a inteligência

da revelação seja cada vez mais profunda, o Espírito Santo aperfeiçoa continuamente a fé por meio dos seus dons » (Const. *Dei Verbum*, n. 5).

Temos, então, muita necessidade de pedir insistentemente a Deus o dom da fé, para nós e para as almas que nos estão confiadas, visto que ela é um inestimável dom de Deus, que Ele concede a quem lha pede humilde e fervorosamente.

b) Reavivar a consciência e a eficácia da fé na vida pessoal

O conhecimento do valor autêntico da fé leva-nos a julgar a nossa vida e a descobrir as deficiências que nela haja, no plano intelectual e operativo.

Por isso mesmo é que a fé tem de ser sempre renovada e reavivada — para que seja norma de vida.

Devemos criar em nós uma mentalidade de fé, integrando a fé e a cultura, de tal maneira que a fé não seja algo que fica apenas á margem, á superfície, mas ilumine e oriente a nossa realidade total; poderemos, assim, descobrir a presença de Deus na história do mundo e de cada homem e acharmos maneira de secundar os planos divinos sem os contrariarmos. Numa palavra, a fé deve tornar-se uma atitude interior habitual naqueles que se comprometem seriamente com Deus, com Cristo e com a Sua mensagem, aceitando-lhe todas as exigências e implicações, ocupando, com sentido de responsabilidade, o seu próprio lugar na « Igreja » da sua comunidade determinada e cooperando assim no bem da Igreja universal e de toda a humanidade.

Desta maneira os valores humanos não são destruídos, mas apenas jerarquizados e subordinados á fé, tornada mentalidade, contacto fundamental, cuja avaliação das escolhas vitais, decisivas, é sempre de carácter religioso.

Assim, o elemento religioso não é simplesmente uma adesão mental; é, pelo contrário, uma adesão vital, isto é, influi na vida, na acção, e torna-a sempre cristã e coerente aos princípios da fé. Temos então e conseqüentemente a integração da fé e da cultura,

para a qual o conteúdo da fé assume o aspecto de solução completa e total de todos os problemas humanos. Temos ainda a integração entre fé e vida, em todas as manifestações, não só religiosas, como culturais, sociais, profissionais; desta integração resulta o cristão verdadeiro, total, sal da terra e luz do mundo. Se nos detivermos uns momentos a pensar no nosso Pai, D. Bosco, e em tantos outros, homens e mulheres, que entraram na história da Igreja, reconheceremos que êles realizaram em si mesmos esta integração, nascente fecunda de irradiação espiritual e apostólica. Mesmo hoje, olhando à nossa volta, cada um na esfera da própria actividade, encontraremos facilmente, não só entre os consagrados como também entre os leigos, homens e mulheres que mostraram na sua vida este fecunda e feliz « integração » entre fé e cultura, entre fé e vida.

Responsabilidades e perigos do nosso apostolado

E nestes exemplos que nós, sacerdotes e apóstolos, devemos pôr os olhos, para podermos acudir eficazmente ao aflitivo apelo das almas do nosso tempo, apelo expresso nestas palavras de Jean Guitton: « Tendo fome e sede de Absoluto e não o encontrado em parte alguma no estado puro, temos necessidade de ter perto de nós um homem semelhante a nós, que mesmo na sua mediocridade e na sua miséria, encarne a ideia do Absoluto e nos prove pela sua presença que o Absoluto pode existir, que está ainda mais perto de nós do que pensamos » (J. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, pag. 297).

Infelizmente, também para nós é fácil o perigo da « dipsikia », já notado por Santo Agostinho, quer dizer, o perigo de uma dupla mentalidade: a mentalidade mundana, laica, que se estende a quase todos os momentos e sectores da vida, e a mentalidade religiosa, muito restrita na sua zona de influência, e que, por isso, informa apenas uma parte mínima da actividade, e por muito pouco tempo. Desta dupla mentalidade contrastante resulta aquela fé marginal e á superfície, uma religiosidade defensiva e não conquistadora, imposta do exterior, uma religiosidade que não é sentida.

Assim, a fé enfraquece e pode naufragar completamente no

embate com as provas da vida. Muitos há (também sacerdotes e religiosos) que chegaram ao ateísmo passando, precisamente, através desta á margem, teórica, superficial, sem incidência vital.

O Ano da Fé vem numa altura assaz oportuna para nos incitar ao empenho de reavivar a consciência e a eficácia da fé na vida pessoal; para, numa palavra, tornar operosa a nossa fé, porquanto, sabemos-lo muito bem, « a fé sem obras é morta » (Tg. 2,17).

O perigo da fé marginal e da dissociação entre fé e vida, como acima sugeri, não existe apenas para os jovens e para os simples cristãos; existe também para os sacerdotes, para os religiosos (podíamos aduzir exemplos, tristíssimos), que se aventuram a seguir as normas do mundo e não seguem as de Jesus Cristo, e se tornam sal insípido, como o são aqueles padres que « não são mais que leigos consagrados », na palavra de Jean Guitton (ibidem), que, assim, perdem a sua função de guias e mestres da fé.

Como é importante que reavivemos todos os dias a nossa fé no contacto vivo com a Palavra de Deus, incarnada na Sagrada Escritura e na Eucaristia, para sermos luz e calor e, assim, iluminar e aquecer.

c) Testemunhar a fé, na hora presente, com coerência cristã

Aos seus sequazes confiou Jesus Cristo o dever do testemunho (Act. 1,8). Há o testemunho do sangue, prestado pelos mártires com o acto sublime do martírio cruento, que não é concedido a todos. Mas, além deste, há o tesmunho da palavra, das obras, e da vida, a que todos estamos obrigados para merecer que Jesus nos reconheça e nos testemunhe no dia do juízo.

E sobretudo deste testemunho que o tempo presente tem necessidade; e a êle nos convida o Concílio, com muita insistência. Resume-se, concretamente, num testemunho de vida cristã coerente, não apenas praticável na igreja, mas também na escola, nos divertimentos, no trabalho, na vida familiar e social. Deste modo se continua no mundo moderno a encarnação de Cristo Salvador. A isto deve tender toda a nossa formação religiosa e a nossa obra de educadores e formadores cristãos.

E fácil, caríssimos Irmãos, dar-mo-nos conta da actualidade que estes empenhos possuem em ordem á nossa vida de fé. E o próprio Pastor Supremo quem no-lo confirma. Sua Santidade Paulo VI, na Exortação « Petrum et Paulum Apostolos » sublinha que o Ano da Fé responde a uma necessidade urgente da hora presente, caracterizada por alguns fenómenos dolorosos, como, por exemplo, o esquecimento e a negação de Deus, que vem a gerar a crise do sentido religioso e da fé, base de uma sã ordem intelectual, moral e social; e a afirmação de uma certa cultura racionalista, laica e areligiosa, que se tem infiltrado também no campo católico, semeando dúvidas e perplexidades, mesmo acerca de pontos basilares do dogma.

Desorientamento de ideias

« Qualquer coisa de muito estranho e doloroso está a acontecer — diz o Papa num discurso recente aos membros da CEI — não sómente na mentalidade profana, areligiosa e anti-religiosa, mas igualmente no campo cristão, não excluído o católico, e, com muita frequencia, como que por um inexplicável « espirito de vertigens » (Is. 19,14), também entre os que conhecem e estudam a palavra de Deus; vai desaparecendo a certeza na verdade objectiva e na capacidade que o pensamento humano tem de a atingir; altera-se o sentido da fé única e genuína; admitem-se as mais radicais agressões a verdades sacrossantas da nossa doutrina, desde sempre cridas e professadas pelo povo cristão; discutem-se todos os dogmas que não agradem e que exijam humilde submissão da mente para serem aceites; prescinde-se da autoridade insubstituível e providencial do magistério; a pretende-se conservar o nome de cristão, chegando ás mais extremas negações de qualquer conteúdo religioso » (Osservatore Romano, 8 de Abril de 1967).

Se do plano doutrinal passarmos ao prático, encontramos-nos perante a trágica verificação de que para muitos cristãos baptizados não existe a possibilidade de um lugar para Deus. O interesse preponderante pelas realidades terrenas, e entre estas em primeiro lugar o

bem-estar e o divertimento, é para muitos motivo de fuga das realidades religiosas, o que coloca os católicos empenhados, os sacerdotes e os educadores, na contingência de viverem e trabalharem em largas zonas de indiferentismo religioso. São os míseros frutos de uma fé anémica e superficial, mal alimentada, uma fé rotineira e de práticas externas, que não tem resistido aos golpes impiedosos que a incredulidade desfere com largueza de meios e sem trégua. Daqui o desorientamento de ideias e o mau estar que muitos experimentam perante a renovação promovida pelo Concílio: vítimas de uma fé pobre e cheia de lacunas, não compreendem o sentido e as exigências de tal renovação.

E assistimos, por outro lado, a um crescente interesse pelos problemas religiosos e morais, interesse apoiado ainda pela difusão crescente das publicações que versam estes problemas. Note-se, todavia, que o público, mesmo o católico, é, frequentemente, mal informado e mal orientado, pois os que escrevem sobre estes problemas religiosos e morais ou sobre acontecimentos eclesiásticos, não são devidamente competentes ou estão imbuídos de preconceitos anti-religiosos, e de mentalidade laicista. O facto foi largamente notado (e deplorado) também no recente Sínodo.

O nosso plano doutrinal e operativo

O nosso plano doutrinal e operativo é, portanto, um trabalho da máxima importância.

Impõe-se, e não sómente para os simples fiéis, um estudo profundo da fé pessoal, a fim de a acomodarmos ás exigências e ao nível cultural do mundo contemporâneo. Segundo a palavra do Santo Padre, o Ano da Fé deve estimular-nos ao estudo da doutrina contida nos documentos do recente Concílio, de maneira que cheguemos a fazer dela norma de vida para nós, para os fiéis e para os jovens, a quem visa mais directamente o nosso apostolado, e por meio dela reavivemos a eficácia da fé.

A distancia de dois anos do encerramento do Concílio, é caso

para nos perguntarmos o que é que se fez em cada uma das nossas comunidades a favor de um conhecimento sistemático e aprofundado dos numerosos documentos conciliares. O que é que os Superiores responsáveis fizeram, praticamente, para facilitarem esse conhecimento aos irmãos? — E que se trata de uma riqueza imensa, que não se pode, sem consequências graves, deixar na sombra ou desvalorizada. Enquanto dirijo o meu aplauso a quantos se empenharam, mediante diversas iniciativas, em difundir e aprofundar o conhecimento dos documentos conciliares entre os Salesianos, exorto de modo especial os Superiores a vários níveis a que se preocupem a sério no sentido de que os Irmãos se ponham em condições de se enriquecerem deste autentico tesouro. Isto não tira a cada salesiano o dever de se esforçar por adquirir, na medida das suas condições particulares, naturalmente, um conhecimento sério dos documentos conciliares e pós-conciliares e dos respectivos comentários, copiosamente publicados em toda a parte, e especialmente daqueles que mais de perto se referem á nossa vida.

Ficarei muito contente, ao tomar conhecimento das iniciativas, a nível inspectorial ou local, que visem a actuar, metódicamente, este meu caloroso apelo, que refiro particularmente ao conhecimento dos documentos que mais de perto se referem á nossa vida de religiosos, de Sacerdotes e de Educadores.

A Catequese: tarefa bem definida da Congregação

Parece-me que vem aqui muito a propósito o apelo á catequese, que é o instrumento ordinário através do qual chegamos á fé, a reavivamos na nossa vida e a alimentamos nos outros. Não esqueçamos que a catequese é uma das formas específicas de apostolado que D. Bosco nos deixou nas Consituições (Cap. I, art. 8): por meio dela, devemos ocupar-nos primeiramente dos jovens; mas a nossa acção deve estender-se também aos adultos, especialmente aos que pertencem ás nossas actividades peculiares (Cooperadores, Antigos-Alunos, Associações paroquiais, pais dos alunos, fiéis catecúmenos, etc.).

O Capítulo Geral foi muito explícito e enérgico a este respeito. « Entre as formas de apostolado não juvenil tem o primeiro lugar, por necessidade e eficácia, a catequese aos adultos...; (ela) faz parte da missão que Deus confiou á Congregação por meio do seu Fundador e da Igreja, e que a Congregação aceitou e tem desempenhado animosamente » (*Act. XIX Cap. Ger. pág. 114 ss.*).

Este dever torna-se verdadeira e absolutamente urgente para nós quanto mais se generaliza o enfraquecimento da fé, que é o mal mais grave dos nossos dias.

Para fazer convergir toda a força da minha exortação num dos seus aspectos, muito importante, quero chamar a vossa atenção para o rigorosíssimo dever que nos incumbe de nos prepararmos convenientemente para a catequese, de maneira a torná-la eficaz. Trata-se, também aqui, da qualificação que nos è requerida para qualquer actividade apostólica.

Neste campo, mais que em qualquer outro, são deletérios os improvisadores, os superficiais, os genéricos. Uma certa boa intenção no nosso trabalho não nos desculpa, se nos falta a consciência da exacta responsabilidade que nos pesa, perante Deus e perante os outros.

Não podemos expor a fé a um risco derivado da nossa ignorância e da nossa pouca competência.

Verifico com verdadeira satisfação que a nossa Congregação criou para a catequese algumas instituições de grande valor, que se impuseram não so no meio salesiano, mas também no ambiente, mais vasto, da cultura e da pastoral eclesiásticas. Refiro-me, tanto para exemplificar, ao Instituto de Catequética do PAS e ao Centro Catequístico de Turim; mas sei que outras iniciativas, análogas, se bem que mais limitadas, estão em marcha. Do fundo do coração me regozijo com as Inspectorias que, neste especifico sector do PAS, estão bem rapresentadas pelos seus estudantes e auguro que em breve nele estejam presentes outras Inspectorias.

Também sei que se vão multiplicando em muitas partes os cursos de catequética para os nossos Irmãos, — sacerdotes, coadjutores e clérigos — e também para catequistas não salesianos, para coopera-

dores, etc. Aplaudo com entusiasmo estas actividades, e também felicito os promotores de várias publicações de alto nível cultural ou de imediato interesse didáctico, como são as aparecidas nestes últimos anos no sector catequístico.

Tudo isto me sugere que qualquer coisa se moveu; e não têm faltado os reconhecimentos autorizados, que consideramos como confirmação de uma boa selecção no nosso apostolado e como estímulo a que façamos ainda mais e melhor.

Este sector é um daqueles em que D. Bosco nos quer sempre na vanguarda. Pois bem, verificando os resultados concretos que nestes últimos anos foram obtidos, creio podermos afirmar com tranquilidade que têm sido largamente recompensados os sacrifícios, em primeiro lugar os sacrifícios relativos ao pessoal, enfrentados por causa destas iniciativas.

Digo isto para encorajar quem, porventura, duvidasse ainda, incerto da decisão a tomar, e ao mesmo tempo para fazer referência ás possibilidades mais amplas que se nos poderão deparar, se soubermos unificar e coordenar a nossa colaboração em plano internacional.

Exame de Consciência que se impõe

O Ano da Fé é uma boa ocasião para, como indivíduos e como Congregação, fazermos um sério exame de consciência, sobre aquilo que, hoje, devemos fazer neste campo, descobrindo nele, simultaneamente, as nossas deficiências e precisando os meios requeridos para as repararmos. Sim, façamos a este respeito uma frutuosa *revisão de vida*. Talvez haja quem se escuse, com fáceis pretextos, ao dever de se prestar para dar catequese nas escolas, no oratório, nas associações e em outras obras nossas! Irmãos haverá, talvez, detentores de títulos académicos e de boa cultura humanística e científica, que não sentem a preocupação de adquirirem uma preparação específica para a catequese. Em certas instituições nossas (colégios, escolas, oratórios, etc.) é bem débil o vinco de formação cristã nos seus

educandos: não será talvez porque a preocupação exclusivamente escolar, ou a febre do desporto, ou uma cómoda indiferença prevaleceram sobre preocupação catequística, que deveria prevalecer sempre? Foi no Sínodo, precisamente, que um digníssimo Prelado, muito relacionado connosco, me sugeriu estas dolorosas verificações.

Não tenhamos ilusões: a par de todos os êxitos que possamos apontar na nossa obra educativa, é doloroso verificar também que muitas vezes a fé dos nossos rapazes, ao menos no plano prático, desaparece, esvai-se, apenas eles entram para uma escola laica, para um ambiente de trabalho, para a universidade, ou mesmo e simplesmente quando entram na vida. Já não é a primeira vez que os nossos adversários nos lançam em rosto afirmações bem mordazes a este respeito, como quando nos disseram que os não preocupava muito determinada escola católica com os seus milhares de alunos, uma vez que seria fácil, em poucos meses, lavar tudo o que lhes tinha sido aplicado sómente á superfície do cérebro.

Peço-vos que compreendais as minhas palavras! Bem longe de quererem desencorajar, elas devem ser um tonificante chamamento a que respondamos de facto á nossa missão na Igreja, missão que é primordialmente e essencialmente catequética. A invectiva que acabei de expor exige-nos uma maneira de operar que seja concretamente conforme ás exigências do mundo moderno, antes de mais do mundo juvenil, que constitui a nossa especial porção operativa. Para completar o meu pensamento recorro que a acção catequética (que é, como já disse, transmissão de vida) não pode limitar-se só ás horas de religião na aula, ainda que este trabalho seja bem feito.

A catequese da juventude, que pretende formar o cristão de hoje e, mais ainda, o de amanhã, realiza-se também nas outras horas de ensino, na liturgia, na vida sacramental, nas associações, nas actividades para-escolares e recreativas, nos contactos pessoais de direcção espiritual, de orientação vocacional. Se falta esta acção assim harmónica e integrativa, arrisca-mo-nos, em muitos casos, a trabalhar como o motor que trabalha em seco, ou, então, damos aos nossos rapazes apenas aquele verniz a que os laicistas se referiam atrás, um verniz que desaparecerá bem facilmente e depressa.

Corajosas decisões e coerência de vida

Mas para que tudo isto seja realidade é necessário estudar, examinar as situações com um sentido corajosamente realista, e tirar, depois, as consequências lógicas que talvez exijam a alteração de determinados hábitos de trabalho, de programações de obras e de um certo modo de as conduzir, — tudo operações que poderão custar sacrifícios de varios géneros; e entre estes não estão certamente no último lugar os de carácter psicológico. Mas serão sacrifícios salutarés.

Não é necessário grande esforço para reconhecer em tudo isto o trabalho respeitante á redimensão de que tanto se espera para a vida e para a vitalidade da Congregação; trata-se, portanto, daquelle exame corajoso e completo que controla a incidência de tudo o que compete aos Irmãos e de tudo o que, verdadeiramente apostólico, devemos fazer incidir nas almas, em qualquer das nossas obras — uma incidência tal que possa justificar o emprego de pessoal e de meios; trata-se daquelle procura de remédios ou de remedeios a serem empregues, que poderão ser (se necessário) mesmo radicais, a fim de evitarem que se continue a insistir em actividades por vezes físicamente esgotantes, talvez também espiritualmente infrutíferas e apostólicamente esgotantes, talvez também espiritualmente infrutíferas e apostólicamente estéreis, com frutos apostólicos assaz desproporcionados.

Ainda um pensamento, para concluir. O nosso saudoso P. Quadrio, em algumas das suas páginas dirigidas aos neo-sacerdotes, põe-nos de sobreaviso contra um perigo: o da fé dilacerada. Falei há pouco de « integração » da fé na nossa vida: é essa integração, precisamente, que evita os efeitos negativos da fé dilacerada especialmente na nossa missão de catequistas, de formadores de cristãos.

Qualifiquemo-nos, pois, enriqueçamos a nossa preparação teológico-catequética; esforcemo-nos por actuar todo o plano que nos é proposto com o fim de consolidar a formação cristã dos nossos rapazes e das almas a nós confiadas. É essencial, mais que necessário, que a nossa fé seja íntegra, massiça, luminosa e irradiante, vivida,

numa palavra. Sómente assim construiremos nas almas por quem devemos responder.

Foi dito que a catequese não é transmissão de noções nem de simples ideias sublimadoras, mas é transmissão da vida. Há uma verdade imensa nesta afirmação. E por isso que não se transmite o que se tem no cérebro, mas o que se possui no mais profundo da nossa vida. A experiência no-lo confirma. Compete a cada um de nós tirar as devidas consequências.

2 - COMO CELEBRAR O NOSSO ANO MARIANO

Se o centenário do martírio de S. Pedro e de S. Paulo é uma ocasião tão propícia para renovarmos a nossa fé e, com ela, revitalizarmos a nossa vida e o nosso apostolado, o centenário da Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, tão intimamente ligado às nossas origens, ao nosso Santo Fundador e Pai e ao núcleo da nossa Congregação, deverá fazer reviver em nós, com a fidelidade á nossa vocação salesiana, a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora em toda a sua luminosa pureza.

Ao recordar-se de tudo o que a Virgem tinha feito por ele nas duras provas da sua vida, D. Bosco deixava-se possuir de terna comoção. E nós, considerando as etapas nem sempre fáceis, mas sempre benéficamente fecundas da Congregação nestes cem anos, não podemos subtrair-nos a um sentimento de comoção e de reconhecimento por tudo o que a Virgem Santíssima tem feito por nós.

Já no cinquantenário da Basílica notava o P. Albera que a consagração do templo de Nossa Senhora Auxiliadora fora o início de uma época nova na nossa história: de então para cá multiplicaram-se prodigiosamente as vocações, surgiram num curto espaço de tempo novas obras, e a pouco e pouco desapareceram as dificuldades para a aprovação da Congregação Salesiana, começou-se, enfim, a pensar nas missões e foram realidade as primeiras expedições de missionários (Cartas Circulares do P. Paulo Albera, a propósito do Cin-

quentenário da Consagração do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, em Valdocco, XXIV).

No interessante capítulo dedicado a este acontecimento, no primeiro volume dos « Anais da Sociedade Salesiana » afirma o P. Céria: « a erecção da Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora é de uma importância excepcional para a história da Sociedade Salesiana » (pág. 87).

Donde provinha o carácter tão excepcional deste monumento? Não é difícil responder.

A Basílica: coração de Valdocco

A construção da Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora foi uma homenagem que D. Bosco prestou á Virgem pelo amor e gratidão que Lhe tinha e pelo desejo de A honrar, criando um novo e grandioso centro de culto, onde, com o auxílio tangível de Maria, tinha iniciado e feito progredir a sua obra.

As « Memórias Biográficas » conservam-nos um precioso testemunho. Uma noite, em 1862, depois de ter estado a confessar rapazes até ás 11, fez D. Bosco esta confidência ao clérigo Albera com quem se encontrava a sós: « Confessei tanto, que, na verdade, quase nem sei o que disse ou o que fiz, tal era a minha preocupação por uma ideia que, distraíndo-me, me arrestava irresistivelmente para fora de mim. Pensava: a nossa igreja é demasiado pequena; ou não cabem nela os rapazes todos, ou têm de ficar acamados. Levantaremos, por isso, outra, mais bela, maior, magnífica. Dar-lhe-emos o título de « Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora ». Não tenho um tostão, nem sei onde irei buscar o dinheiro, mas isso não importa. Se Deus a quer, far-se-á » (M.B. VII, 333, ss.).

A D. Bosco interessava que a Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora fosse de facto o coração do Oratório (Anais). Percorria já com a mente as diversas formas de actividade que, á sombra da sua cúpula se desenvolveriam entre um mundo de pessoas: saboreava a satisfação que experimentaria quando as visse a todas reunidas debaixo

das suas abóbadas para, num só coro, cantarem os louvores do Senhor e da Mãe Celeste, e se dessedentarem nas fontes da graça; anteviva o despique de todos para a celebração faustosa das maiores solenidades quando na Basílica se desenrolassem as magnificências do culto ». Pelas suas portas passariam grandes e pequenos, durante o dia, para irem rezar diante do Tabernáculo de Jesus Sacramentado e do quadro da Virgem... Enfim, construída a bela casa de Deus, ele descortinava a piedade no seu interior, festiva admiração pelo exterior, e por toda a parte serenidade de pensamentos e alegria de viver; e no vértice de tudo, Nossa Senhora, abençoando, e a dizer: Eu estou cá no alto para ver e atender todos os meus filhos do Oratório » (Ceria, *I Anais*, pág. 88 ss.).

A Basílica: Alma Mater da Congregação

Maç o olhar de D. Bosco foi ainda mais longe.

Nossa Senhora tinha sido a inspiradora e o auxílio do seu primeiro apostolado sacerdotal. Pois bem, com o Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, ele inseria-A profundamente e em posição central na história e na vida da Congregação. Aquele templo devia recordar que a sua realização nascera com o auxílio de Maria, e por inspiração Sua. Os milagres que se tinham multiplicado para a construção da Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora eram, de facto, o selo posto por Nossa Senhora na Congregação, á qual D. Bosco atendia com igual naqueles anos; eram a prova evidente e prodigiosa da origem sobrenatural da Congregação.

Quando os Salesianos percorressem retrospectivamente a história da sua família, cuja origem mergulhava na sombra do Santuário de Turim, deveriam encontrar Nossa Senhora no início de tudo e deveriam sentir que a devoção á Virgem era uma realidade essencial na vida da Congregação, nas suas actividades apostólicas, na sua devoção individual e, especialmente, na educação da juventude.

O facto de o Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora surgir na Casa Mãe, quase cercado pelos seus pavilhões e animado pela varie-

dade das suas lidas apostólicas, devia exprimir, em termos que poderíamos chamar monumentais, a parte dominante que Nossa Senhora Auxiliadora tivera, e devia ter, na Congregação Salesiana. Era como que o « *Signum Magnum* » que estava no princípio e por cima de tudo o que fosse salesiano.

Testemunha o cardeal Cagliero que em 1862 lhe falou D. Bosco da sua ideia de erigir em Valdocco uma igreja grandiosa, e digna da Virgem. « Nossa Senhora quer que a honremos com o título de Auxiliadora: os tempos correm tão tristes que temos verdadeira necessidade de que a Virgem SS. ajude a conservar e defender a fé cristã.

— E sabes uma outra razão?

— Creio, respondeu D. Cagliero, que será a Igreja Mãe da nossa futura congregação e o centro do qual procederão todas as nossas obras em benefício da juventude.

— Adivinhaste, confirmou D. Bosco: Maria Santíssima é a fundadora e será o sustentáculo das nossas obras » (M.B. VII, 334).

Centro espiritual e irradiação apostólica

O Santuário seria, assim, o guarda de todo o património espiritual de toda a nossa família, e os Salesianos que a êle chegassem ou que a êle voltassem, peregrinos, teriam haurido, como de uma fresca e inesgotável fonte, o espírito de S. João Bosco: aquele espírito que, nesse mesmo lugar, Nossa Senhora lhe tinha revelado com a amplitude da sua assistência e que encontrara a sua expressão imediata na vida do Oratório de Valdocco.

A experiência de cem anos proclama que o intento que o nosso Pai se propôs foi atingido; e todos os dias, se pode dizer, presenciamos a alegria de tantos irmãos que na Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora experimentam a presença contínua e operante dEla na Congregação e reencontram a riqueza espiritual da tradição salesiana na sua luminosa e penetrante genuinidade.

Depois, toda a história, de que somos ainda em parte espectadores,

demonstra que o Santuário de Turim não foi apenas guarda dos nossos grandes tesouros espirituais, mas foi também o centro donde irradiou a força expansiva da Congregação. Não deixa de ser significativo o facto de terem partido todos os anos do Santuário de Valdocco as expedições de missionários que por todo o mundo espalharam largamente as nossas obras: até hoje partiram de lá 93 expedições.

O Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora não é, pois, sómente uma cidadela de oração e de prodígios, ou a meta de numerosas peregrinações, mas é, sobretudo, o ponto de irradiação de uma extraordinária empresa apostólica em contínuo progredir, como o é a da nossa Congregação.

É sabido por todos como o desenvolvimento das nossas obras se tenha realizado, tantas vezes e em formas explicitas, em nome de Nossa Senhora e como o planisfério salesiano corresponde, na sua grande parte, ao quadro da devoção a Nossa Senhora Auxiliadora; são duas coisas indissolúvelmente unidas. E como é belo verificar que a multidão dos nossos irmãos dispersos por todo o mundo, encontra na Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora o seu ponto de convergência e de união, a sua verdadeira casa, e nela o calor de um coração materno!

Ilustrando assim o lugar que ocupa a Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora na história da nossa Família, não me parece que ceda á tentação do exagero ou que force a realidade.

Há muitos anos que vivo junto do Santuário: considerando daqui o amplo horizonte salesiano no mundo e tendo-me certificado pessoalmente do que acontece em sectores longínquos da Congregação, recolhi inúmeras provas deste facto. Colhi-o na minha costumada oração quotidiana no santuário, na comoção de tantos irmãos a quem ouvi dizer que a sua verdadeira vida salesiana começara depois de uma visita a Nossa Senhora Auxiliadora, colhi-o na devoção dos peregrinos que aqui chegam de todas as partes do mundo, na saudade dos missionários que receberam o crucifixo neste lugar bendito, no desejo de vir ao menos uma vez a Valdocco, expresso por tantos salesianos de longe.

Vêm-me á mente as palavras do Profeta (seja-me permitida a comparação) que exprimia o anelo que tinha o povo eleito de subir ao templo de Jerusalém: « No fim dos tempos acontecerá — que a montanha da casa do Senhor — terá os seus fundamentos no cume das montanhas... — e acorrerão a ela todas as gentes, — virão muitos povos e dirão: — vinde, subamos... — á casa do Deus de Jacob: — Ele nos ensinará os seus caminhos — e nós andaremos pelas suas veredas... » (*Isaiás*, II, 2).

Compreendeis agora o significado da nossa celebração centenária e em que posição devemos colocar-nos para lhe captarmos todas as exigências e actuar-mos os seus empenhos.

Com ânimo filial nos voltamos para a Virgem Auxiliadora e Lhe exprimimos a gratidão que a Ela nos prende individualmente, como salesianos, e como Congregação, mas na recordação da consagração deste templo, queremos reviver também a nossa história, queremos reencontrar a sagrada herança da nossa tradição espiritual, queremos alimentar a nossa confiança no presente e no futuro da nossa Família.

Significado eclesial do Centenário

O apelo do Centenário é muito mais vivo e acentuado pelo facto de o Concílio ter dado uma confirmação solene e autorizada ao título que Dom Bosco quis honrar no Santuário mariano que levantou.

O título « Maria, Auxiliadora » recorda o carácter social de devoção a Nossa Senhora, pois que A considera não apenas em relação a cada um dos cristãos em particular, mas em relação com a realidade do « povo de Deus », da Igreja, que vive, defende e leva a todos os homens a mensagem da salvação.

As nossas celebrações, á luz do Concílio, fazem-nos compreender aquilo que não entenderam os que há cem anos assistiram á consagração desta Igreja, e que, todavia, D. Bosco tinha intuído e profetizado.

Honrar de modo especial a Maria, Auxiliadora, significa, para

nós, hoje, inserir-nos mais profundamente na vida da Igreja, isto é, reencontrarmos, neste período de renovação geral, o impulso sobrenatural que moveu a Congregação nos seus primeiros passos, e enfrentar ainda, sob o signo da Auxiliadora, a missão da qual a Igreja nos renova a investidura neste nosso tempo presente.

Estou certo de que vos integrastes plenamente nestas grandes perspectivas e vos preparais, em quanto é da vossa competência, a desenvolver com fervor filial o programa de iniciativas que esta ocorrência nos sugeriu, e de que se fala pormenorizadamente em outra parte dos actos.

Mas ao mesmo tempo permiti-me que esclareça melhor o meu pensamento, a fim de que o ano mariano tenha a sua tonalidade exacta e atinja aqueles resultados concretos e seguros que Maria espera de nós; deixai-me iluminar mais a fundo a realidade fundamental na qual quereria que toda a nossa Família alimentasse a sua vida espiritual, neste ano Centenário.

Importa-me sobremaneira que o nosso trabalho e o nosso esforço não se reduzam a manifestações exteriores, mas sejam dirigidos, com o máximo esforço, á renovação interior da autêntica devoção mariana, como no-la apresenta o Concílio Ecuménico Vaticano II no capítulo VIII da Constituição sobre a Igreja, com as seguras garantias de verdade que competem ao Supremo Magistério da Igreja, na sua aplicação mais solene e autorizada.

Vamos vê-la, em conjunto, nas suas grandes linhas.

Jesus e Maria na História da Salvação

Em virtude de um livre e providencial decreto divino, Maria Santíssima está indissolúvelmente unida a Cristo Salvador ao longo de todo o percurso da história da salvação do homem, desde a promessa do Salvador no Paraíso terrestre, em que, juntamente com o seu Filho, é pre-anunciada, na luta contra Satanás (*Gén.* 3,15), até ao fecho da história da salvação, na vinda final de Cristo Juíz.

Seguindo um plano sapientíssimo, Deus desenvolveu em todos os livros da Sagrada Escritura um harmonioso plano doutrinal em ordem á nossa salvação.

Neste salvífico plano divino, Maria Santíssima é o termo das profecias messiânicas, concretizando-as na sua maternidade divina mediante o seu « fiat », que deu « a vida á humanidade », e associando-se pela fé e pela obediência, « qual serva do Senhor, á pessoa e á obra do seu Filho » (L.G. 56).

À luz da Sagrada Escritura, o Concílio apresenta-nos, pois, Maria Santíssima estreitamente associada ao seu Divino Filho nos mistérios da infância (n. 57) e, sobretudo, durante a vida pública de Jesus: seja em Caná, com a sua intercessão eficaz no primeiro milagre de Jesus, que suscitou os primeiros crentes; seja durante a pregação de Jesus, e sobretudo no Calvário, junto á cruz do seu Filho que se imolava pela salvação dos homens. De facto, ensina o Concílio, Maria « conservou fielmente a sua união com o Filho até á cruz, junto da qual, por desígnio de Deus, se manteve de pé (Jo XIX, 25); sofreu profundamente com o seu Unigénito e associou-se de coração maternal ao seu sacrifício, consentido amorosamente na imolação da vítima que Ela havia gerado; finalmente ouviu estas palavras do próprio Jesus Cristo, ao morrer na cruz, dando-a ao discípulo por Mãe: eis aí o teu filho » (Jo. XIX, 26) (n. 58).

A associação de Maria á obra da salvação da humanidade continua ainda depois da ressurreição de Jesus. Maria está, com efeito, presente no Cenáculo, junstamente com os Apóstolos e os primeiros sequazes de Cristo, e, com as suas preces, implora o dom daquele Espírito, do qual fora repleta no dia da Anunciação.

Finalmente, a Virgem Imaculada, terminado o curso da sua vida terrena, foi elevada á gloria celeste em corpo e alma e pelo Senhor exaltada como Rainha do Universo, para que fosse plena a sua união com o Verbo Incarnado, Senhor dos senhores e vencedor do pecado e da morte (n. 59).

Não podia uma criatura receber maior exaltação da parte de Deus. Ele poderia ter feito tudo só por si, mas quis servir-se do contributo materno de Maria para nos dar o Salvador. E, qual nova Eva, a

Ele se associou a Mãe em toda a sequênciã da sua missãõ salvífica terrena e celeste, em ordem a todas as graças da Redençãõ.

Mãe e Auxílio dos Remidos

Dando-nos Jesus, com a sua maternidade divina, Maria deu-nos também a vida sobrenatural; estabeleceu, portanto, referentemente a nós, a corrente de una maternidade espiritual, tanto mais excelente que a maternidade simplesmente natural, quanto a vida da graça se sobrepõe á vida da natureza. Exerceu, ainda, sobre a Igreja um influxo materno, porquanto é Mãe de Jesus, Cabeça e Fundador da Igreja; foi a primeira a crer; é, portanto, a personificação da Igreja, sociedade dos crentes.

Ainda que, todavia, a missãõ terrena de Maria tenha sido tão importante para a salvaçãõ da humanidade e para a Igreja, Maria Santíssima não deve ser considerada apenas como pessoa histórica, pertencente ao passado. Como Jesus, Ela, do seu trono de glória, continua a sua obra salvífica universal, em ordem a « todas as graças da salvaçãõ ».

Na verdade, assim o afirma a « *Lumen Gentium* »: « A maternidade de Maria, na economia da graça, perdura sem cessar desde o consentimento que Ela prestou fielmente na Anunciaçãõ e manteve sem vacilar ao pé da cruz, até á consumaçãõ final de todos os eleitos. De facto, depois de elevada ao Céu, não abandonou esta missãõ salutar mas, pela sua múltipla intercessãõ, continua a obter-nos os dons da salvaçãõ eterna. Com o seu amor de Mãe, cuida dos irmãos do seu Filho que ainda peregrinam e se debatem entre perigos e angústias, até que sejam conduzidos á pátria feliz. Por isso, a Santíssima Virgem é invocada, na Igreja com os títulos de Advogada, Auxiliadora, Amparo e Medianeira (n. 62).

É ainda o Concílio a apresentar-nos Maria Santíssima como Auxílio de todos os Resgatados, aos quais « obtém as graças da salvaçãõ eterna, com a sua materna intercessãõ ».

Nada, portanto, mais conveniente que a doutrina mariana conciliar

para nos inculcar as salutares convicções que nos devem conduzir a uma frutuosa comemoração do nosso Centenário Mariano, neste Ano da Fé.

Se o próprio Jesús não quis diminuir Maria Santíssima, poderá o Sacerdote, o religioso, o educador, o apóstolo, prescindir, na sua vida e no seu apostolado, da ajuda materna dAquele que Deus quis associar á Redenção e á continuidade desta em qualquer forma de trabalho apostólico?

A imitação da Igreja e segundo a exortação do Concílio, também o salesiano e educador deve pôr os seus olhos na Virgem Santa, que gerou a Cristo, concebido do Espírito Santo e por Ela dado á luz precisamente para que nasça e cresça também no coração dos fiéis por meio da Igreja. Com efeito, a Virgem foi, na sua vida, modelo daquele amor materno de que devem estar animados todos os que colaboram na missão apostólica da Igreja, trabalhando para a Redenção dos homens (n. 65).

A autêntica devoção mariana

A luz destas verdades basilares, englobadas na própria revelação divina, o Concílio fixa-nos as normas seguras da nossa devoção mariana e apresenta-nos os critérios a seguir no nosso apostolado mariano, em benefício dos fiéis, e, para nós (podemos dizê-lo), também da juventude.

Ao contrário da devoção a Nossa Senhora, como falsamente e sem fundamento o insinuou certa classe de imprensa e o quereriam alguns, o Concílio confirma solenemente a legitimidade e o carácter benéfico do culto mariano; acerca dele se diz, com efeito, que Maria « pelo facto de ser Mãe Santíssima de Deus, é pela Igreja justamente honrada com um culto especial » (n. 66).

Como é evidente, o Concílio apresenta, muito concretamente, os elementos do culto mariano, e as manifestações essenciais que o devem exprimir também nos nossos dias: veneração, amor, oração e imitação.

Não me demoro a desenvolver particularmente cada uma destas características, pois é fácil apercebermo-nos que tal devoção, na sua genuinidade, « não consiste em sentimentalismo estéril e passageiro, ou em vã credulidade, mas procede da fé verdadeira, que nos leva a reconhecer a excelência da Mãe de Deus, e nos incita a um amor filial para com a nossa Mãe e á imitação das suas virtudes » (n. 67).

Com o fim de inculcarem e formarem os outros na verdadeira devoção mariana são « calorosamente » exortados pelo Concílio os sacerdotes, os apóstolos, os educadores, ao estudo da Sagrada Escritura, dos Santos Padres e Doutores e das liturgias da Igreja, mas a um estudo feito sempre sob a orientação do Magistério. É ainda o Concílio que diz: « Esclareçam com precisão as funções e os privilégios da SS. Virgem, que sempre se referem a Cristo, origem de toda a verdadeira santidade e devoção ». E conclui insistindo que « evitem diligentemente tudo o que, por palavras ou por obras, possa induzir em erro os irmãos separados, ou quaisquer outras pessoas, quanto á verdadeira doutrina da Igreja » (n. 67).

Estas palavras tão claras convidam-nos a uma sólida e séria devoção mariana, estranha a qualquer forma de vão sentimentalismo ou de exagero: Nossa Senhora, a « serva do Senhor », deve ser caminho que leva a Cristo.

Seria, com certeza, esta a linha que nos proporia o nosso Pai, o qual, sendo, embora, um apaixonado e incansável obreiro da devoção mariana, foi também um devoto e dócil filho da Igreja.

Limitei-me a enunciar apenas estas directrizes fundamentais do Concílio, mas penso que sejam suficientes para nos convencerem que a linha seguida por ele não é a do esquecimento de Nossa Senhora, a da abolição indiscriminada das suas estátuas e imagens, do terço, e de outras práticas devocionais marianas dignas de veneração, garantidas pela tradição cristã e aprovadas pela Igreja.

A via do Concílio (não a das « vertigens » — para usar uma figura de Paulo VI), via que todos devemos percorrer, é a da « fé verdadeira, que nos leva a reconhecer a excelência da Mãe de Deus e nos incita a um amor filial para com a nossa Mãe e á imitação das suas virtudes » (n. 67); é a via em que têm « em grande estima as

práticas e os exercícios de piedade que em Sua honra o Magistério da Igreja recomendou no decorrer dos séculos » (n. 67); é a via em que devemos abster-nos « com cuidado tanto de qualquer falso exagero, como também duma demasiada pequenez de espírito, ao considerarmos a singular dignidade da Mãe de Deus » (n. 67).

Afirma o Concílio: « Do mesmo modo que a Mãe de Deus, já glorificada no Céu em corpo e alma, é imagem e primícia da Igreja, que há-de atingir a sua perfeição no século futuro, assim também já agora na terra, enquanto não chega o dia do Senhor, Ela brilha como sinal de speranza segura e de consolação aos olhos do povo de Deus, peregrino » (n. 68).

Empenhos doutriniais para o Ano Mariano

De tudo quanto nos disse o Concílio é fácil definir as premissas que devem orientar-nos no ano mariano que somos chamados a viver.

Concretizam-se elas em três planos íntimamente coligados.

No *plano doutrinal*, antes de mais, é-nos exigida uma intensa actividade de estudo, de pregação, de instrução, para que se tornem acessíveis e familiares a nós e aos outros a doutrina mariana conciliar e tudo o que se refere á história mariana da nossa Congregação, ao pensamento e aos exemplos do nosso Santo Fundador.

A este proposito responde, sobretudo, o concurso mariano proposto a toda a nossa juventude, seguindo os vários niveis de cultura, e que deve fazer-se em cada casa, em cada Inspectoria e em cada Nação. Este nosso concurso deve ser entendido não como exhibição externa, ou sómente como um desafio a fim de conquistar um prémio, mas deve ser considerado como um instrumento, particularmente conforme á psicologia juvenil, para fazer assimilar um dos elementos mais importantes da nossa acção cristã educativa.

Gostaria que os vencedores nacionais do concurso, que virão a Turim, na Imaculada de 1968, para a solene premiação, fossem realmente a expressão do empenho extraordinário de toda a Congre-

gação para esclarecer e fomentar a devoção a Nossa Senhora. Para nós e para a nossa juventude seria este o fruto mais belo do Cinquentenário.

E evidente que o convite que dirigimos aos rapazes supõe, antes de tudo, interesse e estudo por parte dos Irmãos: pela sua preparação doutrinal e espiritual devem estar á altura de suscitar o entusiasmo dos jovens e de transmitir com clareza e proveito os ensinamentos, que lhes darão o exacto e fecundo conhecimento da devoção mariana.

Se hoje se insiste tanto em certa crítica com respeito ao culto mariano, é porque esse culto foi, muito frequentemente, pouco iluminado por uma segura e sólida doutrina. A superficialidade e o falso sentimento criaram uma falsa devoção.

Empenhos de devoção

No *plano devocional* temos todo o riquíssimo património da tradição eclesiástica e salesiana, que põem á nossa disposição os recursos do culto propriamente litúrgico, que culmina no sacrifício divino, e os recursos das chamadas « práticas piedosas ».

Sabemos que o Concílio renovou muitas formas e expressões da piedade cristã e tencionamos aderir a estas reformas com absoluta fidelidade, também ne que respeita ao culto mariano: por este caminho nós queremos realizar a renovação da nossa vida religiosa num dos seus elementos mais característicos.

Pode no passado ter havido práticas que se reduziram a celebrações exteriores sem alma e sem eficácia para a vida cristã. Por estes casos não queremos lamentar o passado, mas em boa hora venha o sopro reanimador do Concílio para nos fazer reencontrar un genuíno modo de expressão da nossa fé. Exorto-vos, por isso, a aderirdes com coragem ás iniciativas promovidas pela Igreja.

Não queria, porém, que a legítima exigência de renovação conduzisse a uma atitude de indiferença ou, pior ainda, de desprezo para com as práticas marianas que são um complemento necessário dos grandes actos litúrgicos e um alimento para o nosso fervor.

O próprio Concílio afirma: « Tenham-se em grande estima as práticas e os exercícios de piedade que em Sua honra (de Nossa Senhora) o Magistério da Igreja recomendou no decorrer dos séculos » (L.G. n. 67).

Não quero fazer aqui um elenco destes actos de todos bem conhecidos; quero apenas dizer a todos: não tenhamos pressa em nos desembaraçarmos do património tradicional que deu á nossa vida religiosa, ao nosso apostolado, á nossa acção educativa, um carácter acentuadamente mariano; pelo contrário, tenhamos sempre presente que o espírito autêntico da nossa Congregação e a sua capacidade de conquista missionária se conservam graças ao fervor da nossa devoção a Nossa Senhora.

E finalmente parece-me oportuno recordar-vos que a nossa renovada devoção mariana nos levará a actuar-mos em nós o que diz o precioso documento do XIX Capítulo Geral sobre Nossa Senhora e a nossa vida religiosa. « O Salesiano, na sua vida pessoal, seja fiel em dar á Virgem SS. o lugar que Lhe compete, através de uma fecunda expansão sobrenatural dos seus affectos e da irradiação da sua pureza » (Act. XIX Cap. Ger., pág. 99).

O Salesiano encontrará ainda oportunidade de confiar, todas as manhãs, a sua fidelidade aos compromissos do seu estado, Aquela que a Igreja chama Virgem Fiel, seu modelo e amparo. Ela foi, por excelência, a religiosa de Deus, pobre, casta e obediente, para exercer plenamente a sua função de Mãe. Ela é, portanto, o nosso Auxílio, a benigníssima Virgem Maria, educadora materna das virtudes religiosas » (Act. XIX Cap. Ger., pág. 105).

O Terço: uma prática que deve continuar florescente

Mas há uma prática de devoção mariana que gostaria de recomendar-vos de modo especialíssimo, com o próprio coração de D. Bosco: o santo Rosário.

Nada nos autoriza a deixá-lo cair em descuido, nem o magistério da Igreja (basta recordar as numerosas exortações de Paulo VI,

ainda recentes a respeito desta devoção), nem as nossas Constituições e o ensinamento de D. Bosco, nem a vivência das grandes almas que no nosso tempo traçaram com mais luminosidade o novo caminho da fé: valha por todas elas a recordação do Papa João XXIII.

Exorto-vos cordialmente a que mantenhais sempre viva a reza do santo Terço, que, neste ano, de modo particular, deve recolher todas as vezes das nossas casas, dos Irmãos, dos rapazes, dos fiéis das nossas paróquias, num coro uníssono em honra de Nossa Senhora. Quando se pensa nas aspirações espirituais que tantos Salesianos confiaram ao Rosário e nos efeitos maravilhosos desta oração no êxito das nossas obras, experimenta-se grande desgosto e perturbação pelo temor de que ela possa ser vítima do menosprezo.

Queria, pois, que, neste ano centenário, o Terço, recitado quotidianamente em comunidade ou em privado, tivesse duas intenções especiais: uma, de agradecimento a Nossa Senhora por tudo quanto Ela fez pela nossa Família durante estes cem anos, e outra com o fim de obter, pela sua recitação, uma renovação de fervor mariano nos Irmãos e nas almas, por quem trabalhamos.

Dedicando á Senhora do Rosário a primeira e humilde capelinha dos Becchi, na casa de seu irmão José, tencionava o nosso Fundador e Pai expressar a seu reconhecimento agradecido á Virgem por o ter conduzido na sua juventude até ao sacerdócio: a reza do Terço renovará, neste ano, e reconhecimento de toda a Congregação a Nossa Senhora e dar-nos-á segurança e conforto na grande obra de renovação, que empreendemos, depois do Concílio.

Empenho Apostólico

Também no *plano apostólico* o centenário mariano nos abre perspectivas amplas e concretas. A difusão da devoção a Nossa Senhora, e mais precisamente da devoção a Ela sob e título de Auxiliadora, deve constituir um empenho mais acentuado, no decurso das nossas celebrações.

D. Bosco foi objecto de uma extraordinária predilecção e pro-

tecção de Nossa Senhora, mas ele mereceu este privilégio empenhando-se a fundo no apostolado de devoção mariana.

Os primeiros salesianos seguiram-lhe o exemplo e, assim, recolheram a herança do Pai difundindo em todo o mundo um apostolado mariano verdadeiro — segundo o testemunho das relações enviadas de muitas Inspectorias a Turim, nestes últimos meses.

Com efeito, do Santuário de Valdocco foi difundida por todo o mundo a glória da Virgem Auxiliadora, como Ela própria tinha predito a Dom Bosco.

Devemos continuar nesta esteira gloriosa, em ritmo ainda mais intenso durante o Centenário, recordando as palavras de D. Bosco que nos sugerem consoladora promessa, múltiplamente realizada: « Propagai a devoção a Jesus Sacramentado e a Nossa Senhora Auxiliadora, e vereis o que são milagres ». Com as eficacíssimas energias sobrenaturais derivadas das fontes da SS. Eucaristia e da devoção a Nossa Senhora, também o milagre da cristianização e santificação da juventude do nosso tempo será possível.

Depois de ter rezado muito, a fim de poder dar um programa mais preciso ao nosso apostolado durante o Centenário, venho propor-vos três iniciativas que devem constituir uma homenagem oficial e duradoira da nossa Congregação á Virgem Santíssima.

Estas iniciativas assumem uma importância especial na hora presente e no plano geral da nossa renovação; e, enquanto as ofereço a Nossa Senhora como um presente, peço-Lhe a bênção e o Seu auxílio, para que possamos ter um êxito seguro e feliz.

a) **Expedição missionária**

Desejo, antes de mais, actuar o voto expresso pelo XIX Capítulo Geral, que cito textualmente: « Favoreça-se, na medida do possível, e segundo os dotes de cada um, o desejo dos que pedem para ser missionarios. O mesmo se diga com respeito aos que desejam prestar nas missões o seu serviço ao menos por cinco anos, contanto que sejam considerados idóneos » (*Act. XIX Cap. Ger.*, pág. 210-2).

Estabeleci por isso, de acordo com os Superiores do Conselho,

que se organize em 1968 a primeira expedição missionária dos sacerdotes que se põem á disposição da Congregação para desempenharem um ministério, pelo espaço de cinco anos, em algumas das mais necessitadas regiões da América Latina. Posto isto, lanço o apelo aos que, de entre vós, desejam oferecer-se por não mais de cinco anos, para exercerem as várias formas de ministério nas zonas da América latina onde é mais urgente o trabalho dos Sacerdotes. Faço notar que não se trata de ir leccionar.

Esta iniciativa tem a sua razão de ser na precária situação em que se encontra o catolicismo na América do Sul, devido á grave insuficiência de clero; no amargurado apelo que o Papa tantas vezes nos dirigiu e ao qual prometemos responder; no exemplo que nos dão outras instituições religiosas e leigas, que nos precederam nesta tomada de consciência missionária.

Consta que uma das maiores ordens religiosas da Igreja está disposta a elevar a percentagem dos seus missionários de 17% para 33%, considerada esta no número global de todos os seus membros. O facto é bastante elucidativo. Pela minha parte, de tudo o que vi nestes anos, fiquei com a convicção de que é profundamente verdadeira a afirmação de um ilustre religioso: as congregações florescem na medida em que são animadas de um autêntico espírito missionário.

E mais se me radica esta convicção ao verificar a disponibilidade dos jovens do nosso tempo para o sacrifício. Eles detestam a rotina que disfarça e amolece a vida cristã; e ainda mais aquela que disfarça e amolece a vida religiosa (que é doação), acabando por extinguir-lhe o ideal. Frequentemente os jovens nos impelem pelo caminho do generoso, sacrificado e autêntico serviço missionário.

Sabeis que trinta jovens, estudantes, operários, empregados e profissionais, se deslocaram, por conta própria, da Itália até ao Brasil, para levarem um auxílio extraordinario á nossa missão de Poxoreu, no intuito de actuarem a « Populorum progressio ». É uma calorosa mensagem de alegre sacrifício, que gostamos não só de aplaudir, mas também de acolher: e este sacrifício vem-nos daqueles que nós educámos apostólicamente.

Chegam-me, precisamente das várias missões do Brasil, e posso dizer de quase todos os outros países da América Latina, vozes cada vez mais aflitas e implorantes. E repetem-se frases como estas: « Cada vez somos menos, velhos, doentes, cansados e, algumas vezes, mesmo desencorajados. Os que caem nem sempre são substituídos. Enquanto a população aumenta, os operários evangélicos têm diminuído e continuam a diminuir. As distâncias dividem e desperdiçam as nossas forças. Ao contrário do que acontece connosco, os missionários de outras confissões aumentam cada vez mais, são cada vez mais aguerridos e melhor apetrechados. Que a Congregação nos ajude, antes que sobrevenha a ruína. Não pedimos pão para matar a fome, pedimo-lo para podermos sobreviver ». Como se pode permanecer insensível perante pedidos destes, tão correspondentes á verdade, como no-lo confirmam não só os Inspectores e os nossos Bispos, como também os Superiores Regionais, sempre que se põem em contacto com a penosa realidade?

« Mas também na nossa Inspectoria temos falta de pessoal, e nem sempre as vocações são muito numerosas », poder-se-á objectar. Penso que quem raciocinasse assim, mudaria imediatamente de parecer se pudesse certificar-se pessoalmente da situação em que vivem, sofrem e caem os nossos Irmãos, naquelas terras. Não pode comparar-se, por exemplo, a realidade da Europa e a de certas Inspectorias da América Latina. Se no Velho Continente escasseiam os braços, em algumas daquelas regiões faltam por completo. De resto, se algumas Inspectorias reduzirem certas actividades que não têm um rendimento apostólico proporcionado ao pessoal que abservem, não lhes resulta daí mal nenhum, tanto mais se na economia do conjunto se souberem distribuir e integrar inteligentemente pessoal e obras com leigos preparados, capazes, e desejosos de prestarem colaboração apostólica. Mas a recusa de auxílio áqueles irmãos corresponde á perda, talvez irreparável, de milhares e milhares de almas de quem a Congregação é responsável perante a Igreja, se deixar inatendidas as vozes implorantes dos irmãos, das almas, da Igreja.

Meus Irmãos e Filhos caríssimos, devemos abrir os olhos á realidade, e lançá-los para além dos restritos limites da nossa Casa, da nossa

Inspectoria, aceitando as consequências dessa visão: mais que caridade, parece-me poder afirmar que é justiça. A Congregação, disse-o já de outra vez, não é feita de compartimentos estanques.

E desta compreensão, desta abertura real e desta sensibilidade receberão os Irmãos das várias Inspectorias novo impulso de generosidade, de confiança renovada, de optimismo construtivo: e assim experimentará a Congregação, em toda a sua riqueza, a verdade da palavra de Cristo: « Date et dabitur vobis » — dai, e ser-vos-á dado.

Sinto que D. Bosco, depois de no século passado ter intuído a importância da evangelização na América latina, pediria à Congregação que assumisse mais esta responsabilidade, que nos é imposta ainda pela nossa posição perante o Governo daqueles países.

Apercebo-me do que se trata de algo de novo, que requer sacrifícios e mesmo decisão, mas coloco tudo sob a protecção de Nossa Senhora Auxiliadora; e estou seguro de que Ela abençoará a iniciativa desta nova era salesiana, compensando os eventuais sacrifícios, que as Inspectorias farão no momento oportuno.

Apraz-me recordar a todos, Superiores e simples Irmãos, o que a este respeito me dizia um grande Arcebispo: « Sempre que algum dos meus clérigos me pede com seriedade para ir para as missões, ainda que seja nas vésperas do sacerdócio, eu nunca lhe nego a licença: o Senhor recompensou-me sempre com o fervor dos seminaristas e também com outras óptimas vocações. Devemos agir movidos por uma fé viva e por uma grande caridade ».

Para descer imediatamente ao plano da realização convido os irmãos que queiram acolher o meu apelo a que me dirijam o seu pedido, a mim pessoalmente. Será para mim um motivo de grande alegria receber tais ofertas. Convém ter presente que o convite é dirigido aos Sacerdotes que andem pelos 35 anos, e para trabalharem 5 anos.

E possível que não se possa dar seguimento imediato a todos os pedidos, dada a complexidade dos interesses, que teremos de moderar, mas o facto de se pôr á disposição desta grande causa será já um mérito, que Nossa Senhora levará em conta.

Mas, ao convite, junto uma palavra paternamente esclarecedora.

Os Irmãos escolhidos serão devidamente preparados para a missão a que forem destinados; porém cada um deles deverá saber desde agora que irá ao encontro de sacrifícios, que não se trata de uma evasão que resolva situações particulares de inadaptação, de descontentamento, de instabilidade, ou semelhantes, ou ainda para conhecer novas terras e povos diferentes. Vai-se para a América para dar a própria colaboração ao ministério dos Irmãos, convencidos de que tudo isto será feito a preço de sacrifícios e renúncias não sómente de carácter físico ou material, mas, talvez mais ainda, de índole psicológica: é a este preço que se adquirem as almas. Já D. Bosco o dizia aos missionários, que iam precisamente para a América.

b) Centro Juvenil

A segunda obra que quereria ver realizada por ocasião do Centenário, é a de um *Centro Juvenil para cada Inspectoria*, um centro que corresponda plenamente ás ideias do Capítulo Geral. Também neste caso se trata de uma obra cuja realização foi ardentemente augurada e pedida, quando no Capítulo se deliberou a reestruturação do Oratório como Centro Juvenil capaz de corresponder ás exigências da juventude de hoje e ás fundadas esperanças que a Igreja põe na nossa Congregação (*Act. XIX Cap. Ger. pág. 134-135-103-137*).

Todos estamos persuadidos da sua utilidade, melhor, da sua necessidade e da urgência que há em adaptar o nosso apostolado juvenil ás exigências contemporâneas: é necessário romper o círculo das dificuldades que, naturalmente, se opõem a esta empresa e passar á acção.

Quando, a 8 de Dezembro de 1841, D. Bosco começou a sua obra, podia ter perplexidades muito mais graves que as nossas, como as teve em seguida, com respeito a outras iniciativas. Rezou a Ave Maria com Bartolomeu Garelli e sentiu o impulso para começar, com o auxílio de Nossa Senhora. Não quereremos nós fazer um acto de fé e edificar ao Senhor uma obra que pode assinalar uma remodelação no nosso apostolado entre a juventude?

Está em andamento o estudo para a redimensão, e o Centro

Juvenil deve ter o seu justo e preciso lugar entre as restantes obras.

Não é necessária, para isto, um nova obra, mas sim a transformação ou substituição, ou a oportuna adaptação ás novas exigências dos jovens, de uma obra já existente. Sei que em várias Inspectorias o Centro Juvenil já é uma bela e viva realidade, e que em outras está em fase avançada de realização. Avante, pois, com confiança e aderindo sempre ás exigencias apostólicas de hoje.

c) Casa para Exercícios Espirituais

Um último convite é dirigido em favor da *Casa para os Exercícios Espirituais*. O XIX Capítulo Geral deliberou: « Tenha cada Inspectoria, possivelmente, uma casa de Exercícios Espirituais para os Irmãos e para todas as categorias de pessoas confiadas aos nossos cuidados (alunos, Cooperadores, Antigos Alunos), e ainda para todos os outros jovens » (*Act. XIX Cap. Ger.*, pág. 169). A experiência destes anos mais chegados corrobora amplamente a oportunidade e a urgência deste desejo formulado pelo Capítulo Geral. Verificou-se um grandíssimo proveito para a qualificação espiritual e apostólica nos lugares em que os Irmãos e os rapazes podem ser espiritualmente bem atendidos nos retiros, reuniões, encontros, etc. em casas expressamente adaptadas para estes fins.

E oportuno recordar que a actividade dos retiros, sejam eles grandes ou pequenos, não só para os Irmãos como para os fiéis em geral, é querida pelas nossas Constituições (*Cap. I*, art. 8), e que não será possível exercê-la nesta nossa evoluída sociedade moderna, se o ambiente não possuir os necessários aprestos e a conveniente disponibilidade. É necessário que esta obra seja tida muito em conta ao programar-se a redimensão. Vamos iniciá-la, em nome de Nossa Senhora, e Ela mesma lhe garantirá o bom êxito.

Irmãos e Filhos caríssimos,

como vedes, as três iniciativas que vos propus, tão eminentemente espirituais e salesianamente apostólicas, são para se manterem

para além do Centenário da Basílica. Serão os presentes que, perdurando no tempo, afirmarão perenemente a nossa fidelidade a D. Bosco na devoção a Nossa Senhora, devoção toda ela entretida mais de obras que de palavras, como ele mesmo queria; e ainda, estas iniciativas virão, simultaneamente, enriquecer a Congregação no seu espírito e na sua missão apostólica.

A Virgem Auxiliadora, apraz-me repeti-lo, agradecerá a nossa homenagem filial, conservando-nos, amanhã como ontem, a sua protecção de mãe.

Antes de concluir quero recordar-vos ainda iniciativas cuja realização será directamente vigiada pelo Conselho Superior. São duas iniciativas que, indo ao encontro de um desejo comum, assumem um valor quase de símbolos: é por isso que quero concluir com elas.

Trata-se da restauração da fachada da Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora e da Exposição Salesiana permanente, na cripta da mesma Basílica.

Pelo que toca á restauração da fachada, não se trata de grandes transformações, mas apenas de retoques opportunos: eliminar-se-ão alguns elementos decorativos que foram acrescentados ao projecto original sem atenção á pureza do estilo, e serão reparadas as partes deterioradas pelo tempo e pelas intempéries. Depois destas operações ficará como nova, nas sua claras linhas architectónicas de sólidos elementos construtivos.

Agrada-me ver nesta renovação um quase símbolo, neste Centenário, da nossa devoção a Nossa Senhora Auxiliadora, refrescada na clareza e solidez daqueles princípios e formas que a Igreja nos propõe e que Dom Bosco introduziu na espiritualidade salesiana.

Os peregrinos que cheguem a Turim encontrarão, com a remodelação da fachada, outra novidade: uma moderna exposição salesiana na cripta da Basílica.

Queremos apresentar como um panorama visivo da nossa Congregação, queremos mostrar como se desenvolveu, sob a direcção de Nossa Senhora, a prodigiosa missão de D. Bosco, quais são hoje as estruturas e a organização da nossa tríplice Família, quais as actividades apostólicas que ela desenvolve na Igreja, para corresponder

ás exigências do mundo actual, qual é o espirito que a anima, e as próprias fontes desse espirito.

Uma síntese de tudo o que constitui aquilo a que poderíamos chamar o grande e providencial acontecimento salesiano, sempre dominado pela constante presença de Nossa Senhora, será exposta no mesmo lugar onde ele começou e onde continua a receber o impulso vital para o seu serviço na Igreja.

Caros Irmãos,

quando estou em Turim, todos os dias vou ajoelhar-me a rezar diante de Nossa Senhora Auxiliadora, procurando incluir nas minhas intenções não só as necessidades da nossa família, mas querendo também, de alguma maneira, representar na minha pessoa junto da Virgem, a todos os que estão longe.

Desde há tempos que a atenção me é atraída por uma circunstância especial que orienta a minha oração. Diante do quadro taumaturgo de Nossa Senhora Auxiliadora, levanta-se e arde no presbitério o grande círio do Ano da Fé. Esta cena faz-me pensar que neste ano todos os Irmãos e os nossos jovens e fiéis, vivem, espiritualmente, no Santuário da Virgem Auxiliadora, reavivando a chama da fé em união com toda a Igreja. Tenho a certeza de que a nossa Congregação sairá renovada deste ano a que quase quereria chamar « ano santo salesiano », porque ela vai assumir o dever que lhe compete actuar entre os homens do nosso tempo. Durante a minha participação no Sínodo Romano apercebi-me de como é grave e urgente este dever, mas também compreendi mais claramente e grandeza da missão que D. Bosco confiou á nossa Congregação. Que a Virgem Auxiliadora nos conduza ao seu cumprimento com humilde e corajosa fidelidade.

Aceitai as minhas affectuosas saudações.

Confio na vossa fraterna e filial lembrança no Senhor.

P. Luis Ricceri
Reitor-Mor

II. COMUNICAÇÕES

O Ano Mariano

O Reitor-Mor apresentou oficialmente e ilustrou numa outra parte dos « Actos do Conselho » o Centenário da Basílica de Maria Auxiliadora.

Tendo em mente enviar o programa, particularmente das celebrações, apresentamos um prospecto geral, aguardando aquelas manifestações que têm maior relevo espiritual e que necessitam de serem preparadas, com tempo nas Casas e Inspectorias.

Datas salientes do Centenário

As festas solenes terão início no Mês de Maria Auxiliadora na tarde do dia 23 de Abril de 1968.

As manifestações externas terão o seu *momento culminante* no dia 24 de Maio, coincidindo com a festa de Nossa Senhora Auxiliadora. Naquele período do ano são já fáceis as deslocações para peregrinos.

O aniversário da Consagração, 9 de Junho, é reservado ás celebrações de carácter religioso. Em tal data os empenhos do fim do ano escolar e dos exames impedirão outras manifestações.

As peregrinações poderão efectuar-se durante todos os meses do Centenário e por conseguinte também no período de Verão, segundo as particulares exigências de cada grupo.

Durante os meses do Outubro e Novembro realizar-se-ão « Jornadas marianas », organizadas para grupos particulares (sacerdotes, educadores e educadoras, pais e jovens).

O encerramento do ano Centenário realizar-se-á na festa da Imaculada em 1968.

Peregrinações

As peregrinações á Basilica de Nossa Senhora Auxiliadora, de Turim, constituirão um elemento dominante do Centenário.

Distinguir-se-ão duas categorias de peregrinações:

1) *Peregrinações promovidas pela Comissão das celebrações*

Tais são as dos Cooperadores (25 de Abril), das Antigas Alunas (12 de Maio), das Filhas de Maria Auxiliadora (14 de Maio), dos Antigos Alunos (23-24 de Maio), dos Pequenos Cantores (fins de Junho), de alguns grupos de estudantes e de jovens (6 de Maio), de doentes, etc.

Para tais peregrinações serão enviados os respectivos programas pelos Delegados Nacionais ou Encarregados áqueles que estão directamente encarregados de organização local.

2) *Peregrinações promovidas por iniciativa particular*

São as peregrinações promovidas por cada casa, pelas paróquias, pelos oratórios, etc. que não se inscreveram nas peregrinações convocadas directamente pelo Centro.

O Santuário de Turim deverá ter a preferência sobre todas as outras metas para as peregrinações salesianas de 1968. Contudo tendo em conta as próprias exigências, os organizadores deverão entender-se préviamente, para a data e para a realização das peregrinações com o Centro de Turim, para evitar confusões e interferências.

Para tal fim estão constituídas em Turim *tres Comissões*, sob a responsabilidade do Director da Basílica.

1) *Comissão de Alojamento*

Dá informações e presta a própria assistência para os alojamentos refeições, transportes, etc. Os contratos, porém, deverão ser feitos directamente com os responsáveis de toda a peregrinação.

2) *Comissão das peregrinações*

Dá informações e orientações acerca da data e sobre o itinerário das peregrinações, acolhe-as á chegada á Basílica, acompanha-as nas

visitas e nas várias manifestações segundo um esquema comum para todos grupos.

3) *Comissão litúrgica*

Recebe as peregrinações na Basílica e acompanha-as nas funções religiosas (pregação, Santa Missa, confissões, etc.) segundo um esquema comum para todos os grupos.

Para eventuais informações, dirigir-se directamente ao *Reitor da Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora*, P. João Busato, Via Maria Auxiliadora, 32 - 10152 Turim (Itália).

Em tempo oportuno serão enviados ás Secretarias Inspectoriais programas, material de propaganda,... etc.

A comissão litúrgica tem a seu encargo a publicação do *programa « as funções religiosas »* durante a peregrinação.

A comissão das peregrinações prepara o « guida do peregrino » com um número único sobre o Santuario, o Roteiro de Valdocco e dos lugares salesianos de Turim, etc.

Para as diversas peregrinações, além da função religiosa, poderão organizar-se outras manifestações de carácter salesiano, como representações, visitas aos Becchi, a Mondónio, etc., de tal modo que seja assegurado o melhor resultado espiritual, com esta visita aos lugares onde teve origem a Congregação.

Concurso Mariano

Um concurso mariano entre os Alunos e Alunos dos Oratórios, Institutos e Centros Juvenis salesianos é proposto pelo Centro Internacional de Pastoral Juvenil para participarem mais activamente nas celebrações do Centenário, e para orientar os nossos jovens para uma devoção mais consciente e autêntica a Nossa Senhora.

O concurso é organizado pela « Pastoral Juvenil », que enviará um regulamento e dará normas para tal efeito. Apresentam-se algumas informações gerais.

O Concurso está dividido em três grupos:

— 1 para os rapazes dos 11 aos 14 anos;

— 2 para os rapazes dos 15 aos 16 anos;

— 3 para os rapazes dos 17 aos 19;

O programa é, pois, triplice: cultural, artístico, e fotográfico.

O programa cultural de cada grupo consta de três partes:

1) Nossa Senhora no Evangelho;

2) Nossa Senhora no Concílio Ecuménico Vaticano II;

3) Nossa Senhora na vida de D. Bosco (Para os rapazes do 1º ciclo do liceu e Preparatório do Técnico preparou-se de propósito um livrinho «Nossa Senhora de D. Bosco». Pode pedir-se á L.D.C.).

A «finalissima» do Concurso Italiano é fixada em Turim no próximo dia 19 de Maio. A premiação do Concurso para os vencedores de todas as Nações Participantes, realizar-se-á em Turim no dia 7 de Dezembro de 1968, na conclusão do Centenário.

Exposição

Na cripta da Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora será inaugurada, uma exposição na qual será representada a história, a organização e a actividade da nossa Congregação correspondendo ás exigências do nosso tempo.

Constituirá um elemento complementar das funções religiosas para melhor mostrar aos peregrinos a nossa missão na vida da Igreja.

Faculdade de recitar em comunidade o Breviário, na língua vulgar

O Reitor-Mor pediu á Sagrada Congregação dos Religiosos «a faculdade de todos os Sacerdotes Salesianos satisfazer a obrigação do Officio Divino recitando-o em língua vulgar, sempre que o façam em união com toda a Comunidade».

Em 21 de Abril a dita Sagrada Congregação concedeu a faculdade pedida.

Nomeação de Inspector

P. José Henriquez - Inspectoria de Caracas (Venezuela)

III. DOCUMENTOS

SACRA CONGREGATIO
DE RELIGIOSIS

Prot. N. 12881-67

BEATISSIMO PADRE,

O Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de S. João Bosco, prostrado aos pés de Vossa Santidade, humildemente implora a faculdade de que todos os Sacerdotes Salesianos possam satisfazer a obrigação do Ofício Divino, recitando-o em língua vulgar, sempre que o façam em união com toda a Comunidade...

Vigore facultatum a SS.mo Domino Nostro concessarum, Sacra Congregatio Negotiis Religiosorum Sodalium preposita, attentis expositis a Rev.mo P. Oratore, benigne adnuit pro gratia iuxta preces, servatis ceteris de iure servandis.

Contrariis quibuslibet non obstantibus.

Datum Romae, die 21 aprilis 1967

(L.+S.)

✠ Paulus Philippe
a Secretis

D.M. Huot
Ad. a St.

IV. SALESIANOS DEFUNTOS

P. Pedro Adamo

n. 26-3-1910; fal. em Catânia (Itália) 16-7-1967, com 57 anos de idade, 38 de profissão e 29 de sacerdócio.

Nobre figura de sacerdote, que criava facilmente em volta de si um clima alegre e jovial. A serena e prudente responsabilidade com que guiou os jovens oratorianos, cativaram-lhe as simpatias e a profunda estima das famílias, que lhe confiavam de boa vontade os próprios filhos. Na sua constante e luminosa serenidade parecia sem aflições: e era-o, porque silenciosamente se sentia um homem de Cristo: sacerdote.

Coadj. Ascenso Albizuri

n. 27-10-1885; fal. em Pasajes-Renteria (Espanha) 7-4-1967, com 81 anos de idade e 60 de profissão.

Foi um salesiano piedoso, afectuoso e cordial com todos, serviçal e cândido como um menino... um verdadeiro israelita, no qual não havia engano. Autêntico desportista, era o animador das festas e recreios dos rapazes. Observante escrupuloso das Regras, reflectia no rosto a pureza da sua alma. Trabalhador incansável, factotum de velho modelo, a sua jornada não contava as horas. Fez de enfermeiro, com uma delicadeza e dedicação verdadeiramente comovedoras. Morreu com a serenidade que lhe foi própria durante toda a vida.

P. Núncio Amato

n. 20-12-1886; fal. em Messina (Itália) 21-8-1967, com 80 anos de idade, 62 de profissão e 54 de sacerdócio.

Salesiano exemplar, fidelíssimo ao espírito de D. Bosco, dedicou toda a sua longa vida só ao serviço dos jovens e dos irmãos. Seguia com grande afecto os Antigos Alunos, a quem fazia chegar cuidadosamente a palavra sacerdotal em todas as circunstâncias.

Coadj Paulo Bagsik

n. 18-11-1884; fal. em Czerwinsk (Polónia) 11-8-1967, com 82 anos de idade e 44 de profissão.

Uma longa vida de grande trabalho para a Congregação. Fez-se salesiano, desejoso de se sacrificar pelas missões, e, de facto, depois

dos votos perpétuos foi para o Brasil. Contra a sua vontade, depois de três anos, teve de regressar á Polónia por motivos de saúde. No trabalho foi bastante sacrificado, como provedor de várias casas. Porém, o seu ofício predilecto foi o serviço da igreja, como valente e piedoso sacristão.

P. Ladislau Barton

n. 24-6-1906; fal em Rzaska (Polónia) 1-9-1967, com 61 anos de idade, 41 de profissão e 31 de sacerdócio. Foi 7 anos director.

Os seus anos de jovem sacerdote foram vividos em diversos campos de concentração. Depois de em 1945 ter estado alguns anos em Paris, voltou á Polónia, para trabalhar como pároco. Sacerdote genial e previdente dos tempos, precedeu o renovamento litúrgico, organizou o instituto dos leigos, fez da sua paróquia a casa dos pobres, preparou pequenos textos apologeticos para os jovens. Pertencia á comissão de peritos paroquiais junto da cúria arquiépiscopal de Krakow. Amava muito Nossa Senhora, em honra de Quem mandou construir uma capela em acção de graças por ter sido livre dos campos de concentração.

P. Francisco Boat

n. 2-8-1901; fal. em Cape Town (Africa do Sul) 16-10-1967, com 66 anos de idade, 43 de profissão e 36 de sacerdócio.

Passou muitos anos de fecundo apostolado na Africa do Sul onde deixou recordação inesquecivel de sacerdote observante, alegre, bondoso, sempre pronto a dar uma mão a quem dela tivesse necessidade. Foi assistente cuidadoso e ao mesmo tempo simpático e amado pelos jovens. Estava bem preparado para a morte, que veio improvisamente.

P. João Bonifacino

n. 2-9-1898; fal. em Montevidéu (Uruguai) 7-6-1967, com 68 anos de idade, 51 de profissão e 43 de sacerdócio.

Dotado de uma inteligência brilhante, rico de dotes humanos, incessante e sacerdotalmente uns bons 25 anos, oferecendo ás almas que a ele se dirigiam, mas sobretudo á juventude, uma doutrina sólida e sempre segura. Em 1950 o mal de Parkinson orientou a sua vocação sacerdotal para a vocação de vitima, que ele aceitou e viveu conscientemente até ao último instante. A morte foi para ele uma passagem espontânea e tranquila para a alegria da eternidade.

P. José Brusadelli

n. 16-7-1884; fal. em Piosasco (Itália) 13-11-1967, com 83 anos de idade, 60 de profissão e 48 de sacerdócio.

Salesiano dos primeiros tempos e do modelo primitivo, teve sempre uma saúde muito precária. Trabalhou, porém, com muito zelo no México e no Brasil e, de regresso, em diversas casas da Itália. Ficou mais de 20 anos nesta casa generalícia, atendendo ao sagrado ministério das confissões, na Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora e, depois, vivendo uma vida de recolhimento e de oração, encerrado num quarto da nossa enfermaria, e, últimamente, numa clínica.

P. Alexandre Calder

n. 10-2-1901; fal. em Grange-over-Sands (Inglaterra) 15-10-1967, com 65 anos de idade, 47 de profissão e 39 de sacerdócio.

Passou quase toda a sua vida salesiana no colégio de Bolton. Nos últimos anos teve uma saúde muito precária, mas não quis, todavia, poupar-se. Era assistente vigilante e fiel. De natural bastante calmo e reservado, exacto em tudo e exemplar, alimentava uma profunda vida espiritual. Competente e apaixonado professor de desenho no colégio, sobressaía pelos seus modos gentis, com que granjeava a estima e o afecto de todos.

P. João Cattaneo

n. 23-2-1881; fal. em Florença (Itália) 21-7-1967, com 86 anos de idade, 68 de profissão e 58 de sacerdócio.

Dedicou-se por 45 anos á paróquia da Sagrada Família, servindo com zelo e pontualidade a causa do Senhor. Se quiséssemos recordar uma prerrogativa sua, deveríamos revelar a sua fidelidade ao confessor. Não fazia excepções ao horário fixado, e quem precisava dele, sabia onde o poderia encontrar. Quantas almas não usufruíram do seu ministério! Uma vida toda sacerdotal, distribuindo a graça de Deus.

P. Eugénio Cavallo

n. 4-7-1887; fal. em Génova-Quarto (Itália) 13-10-1967, com 80 anos de idade, 61 de profissão e 51 de sacerdócio. Foi director por um ano.

P. Rafael Cerdá

n. 26-1-1893; fal. em Mataró (Espanha) 11-10-1967, com 74 anos de idade, 56 de profissão e 48 de sacerdócio. Foi 4 anos director.

P. André Cocco

n. 20-5-1890; fal. em Santulussurgiu (Sardenha-Itália) 20-10-1967, com 77 anos de idade, 37 de profissão e 34 de sacerdócio.

A vida do P. André decorreu por alguns anos na Índia, como missionário, e, depois, na inspeccoria romana. Era um irmão exemplar, simples, afável com todos e interessado pelas coisas da comunidade. Exerceu o seu sacerdócio com a fidelidade de um ministério, e quando as enfermidades o forçaram a renunciar-lhe, recolheu-se na oração com aquela humildade e reserva que teve em toda a sua vida.

Coadj. Miguel Cusini

n. 7-9-1911; fal. em Nápoles (Itália) 27-9-1967, com 56 anos de idade e 28 de profissão.

P. Estanislau Domino

n. 30-4-1907; fal. em Oswiecim (Polónia) 4-9-1967, com 60 anos de idade, 43 de profissão e 33 de sacerdócio.

O Senhor amou dum modo especial a família Domino, concedendo-lhe 4 filhos sacerdotes, 3 salesianos e um diocesano. O nosso P. Estanislau era a « frescura salesiana » em pessoa: escrevia poesias e dramas, tocava, cantava e pintava. Em toda a parte era ele a alma da comunidade. Vivia para os jovens. Trabalhava muito e com brio. Prestava-se de boa vontade a pregar e era muito ouvido. Antes de morrer disse ao P. Inspector: « Ofereço todos os meus sofrimentos pela Congregação. Gosto muito que seja grande, florescente em todo o mundo, mas dum modo especial na Polónia. Amo tanto a Congregação! Coragem! Continuem a fazer bem aos jovens, ensinando-lhes o catecismo ».

Coadj. José Galvis

n. 5-5-1900; fal. em Silvânia (Colômbia) 24-8-1967, com 67 anos de idade, e 32 de profissão.

Era uma vocação tardia. Prestou, por muitos anos, os seus serviços como barbeiro na casa inspectorial de Bogotá, na de Mosquera e em várias outras. Foi grande a sua devoção a Nossa Senhora Auxiliadora e ao Menino Jesus. Trabalhava de boamente pelos meninos pobres. Simples, piedoso e agarrado aos seus deveres, havia quem lhe chamasse « anjo », devido á candura do seus espírito.

P. João Gasbarri

n. 5-11-1886; fal. em Lima (Perú) 10-10-1967, com 80 anos de idade, 59 de profissão e 49 de sacerdócio. Foi 8 anos director.

Partiu em 1910 para o Perú, mas voltou para a Itália em 1932, e lá permaneceu, como zeloso pároco de Santa Maria Auxiliadora, em

Roma, até 1946, ano em que obteve licença para voltar de nova para a América. Por causa da sua caridade para com os presos era conhecido por « o anjo dos presos ». E neste apostolado o P. Gasbarri foi verdadeiramente heróico. Consagrou-se-lhe pelo espaço de 20 anos com uma caridade pastoral que o fazia compartilhar dos sofrimentos físicos e morais daqueles infelizes, até ao ponto de os sentir como seus. Ao zelo que tantas almas conduziu até Deus juntava o P. Gasbarri uma grande coragem que o fazia enfrentar es casos mais difíceis. Realizou plenamente as palavras de D. Bosco: « Para fazer o bem é preciso um pouco de coragem ».

P. Henrique Guerrier

n. 28-11-1921; fal. em Saintes-Maries de la Mer (França) 18-6-1967, com 45 anos de idade, 21 de profissão e 17 de sacerdócio.

Tendo vindo do Seminário Maior de Puy, fez o aspirantado em Nice. Por muito tempo foi Prefeito em La Marsa, e depois ajudante do P. Garnier, redactor de « Connaitre les Missions », revista missionária que veio substituir, a nível nacional, a nossa « Jeunesse et Missions ».

Era um padre — diz-nos o P. Garnier — sempre em busca de um Deus maior, de um mundo maior, de um homem maior, de uma religião maior, apaixonado por Deus, devorado pela necessidade de agir... ».

Coadj. Marcello Haren

n. 11-4-1912; fal em Kigali (Ruanda) 19-8-1967, com 55 anos de idade e 31 de profissão.

Passou no Congo quase toda a sua vida religiosa, tornando-se útil em muitas ocupações em pobres e difíceis casas de missão. Mostrou sempre grande capacidade de trabalho, generosidade, exactidão nos seus deveres religiosos.

P. Tiago Jerónimo

n. 23-5-1884; fal. em Montevideu (Uruguai) 2-5-1967, com 82 anos de idade, 64 de profissão e 55 de sacerdócio. Foi 3 anos director.

Trabalhou em diversas casas do Uruguai, da Argentina e do Paraguai, onde foi adido ás missões do Chaco Paraguayo. O seu « curriculum vitae » resume-se todo numa dedicação humilde ao ministério e á educação dos jovens. Nos último anos a arteriosclerose impedin-o de qualquer actividade apostólica, excepto da reza do Ofício divino

e do santo Rosário. Foi um salesiano todo dedicado á sua vocação, numa vida sem aparências exteriores, vivida com simplicidade.

P. Alexandre Kotula

n. 26-2-1877; fal. em Oswiecim (Polónia) em 29-7-1967, com 90 anos de idade, 70 de profissão e 63 de sacerdócio.

Era o salesiano mais velho da Polónia. Recebido como aluno interno para o curso liceal em Valsalice (Turim), preparou-se, depois, para o sacerdócio e aprendeu a zelar unicamente a glória de Deus e a salvação das almas. Bom salesiano, foi simples, pobre, sacrificado, todo dedicado aos outros, e nada reservando para si. Vivia da comovida recordação que guardava do Ven. P. Rua, do P. Rinaldi e do P. Augusto Czartoryski, que ele conhecera. Trabalhou com o P. Rua, como secretário, nas suas paternas visitas ás primeiras casas da Polónia.

Dispendeu na missao catequística, pelo espaço de 40 anos, as energias em prol da juventude de Oswiecim. Fazia um grande bem como confessor aos irmãos, aos jovens e aos fiéis. Nos seus últimos dias dizia frequentemente: « Ofereço a minha vida pela Congregação e pela Inspectoria, para que tenhamos muitos e bons irmãos, e para que o amor fraterno a todos una. Fui tão feliz na Congregação! ».

P. Mariano Kubrycht

n. 18-9-1901; fal. em Aleksandrow Kujawski (Polónia) em 29-9-1967, com 66 anos de idade, 43 de profissão e 35 de sacerdócio. Foi 12 anos director.

Foi um apóstolo rico de iniciativas no ministério sacerdotal: redactor dos periódicos salesianos polacos, director e organizador do Seminário Menor diocesano, Fundador do Centro religioso inter-paroquial para os « Vigias do Fogo » e, últimamente, iniciador de uma nova forma de apostolado catequístico através de fitas magnetofónicas.

Coadj. Guilherme Lingg

n. 3-2-1885, fal em Helenenberg (Alemanha) em 13-9-1967, com 82 anos de idade, e 42 de profissão.

Possuidor de talento para o Oratório, foi sempre ordenado nas suas coisas, e de boas qualidades para o desempenho do seu trabalho salesiano. Antes de ser salesiano tinha sido membro da associação de Kolping em Insbrueque; evidenciou-se pelo seu espirito de sacrifício.

Coadj. Anastácio Martin

n. 30-5-1887; fal. em Barcelona-Tibidabo (Espanha) 1-7-67, com 80 anos de idade, e 61 de profissão.

Dizia que a sua vocação tinha surgido das palavras que lhe dissera o P. Rua, após a saudação que ele fora encarregado de lhe dirigir a quando da sua visita á casa de Béjar (Salamanca).

Pertencia á gloriosa geração, já entrada no ocaso, de coadjutores formados em Sarriá-Barcelona, pelos primeiros salesianos enviados por D. Bosco. Algumas das suas virtudes mais características: uma serena tranquilidade que fazia recordar o « nada te perturbe » de santa Teresa; uma piedade sentida, que deixou vestígios nos seus livros de devoção gastos pelo uso contínuo; um trabalho incansável de horas e horas dedicadas ás ocupações ordinárias, não obstante a sua precária saúde. Educou inúmeros rapazes e salesianos no amor ao trabalho e á piedade. O Tibidabo contou-o, últimamente, entre seus mais assíduos adoradores.

Cl. Túlio Marzari

n. 9-11-1939; fal. em Rovereto (Itália), 6-9-1967, com 27 anos de idade e 8 de profissão.

Encontrou na sua família aquelas virtudes em que se formou, e que constituíram as suas características mais evidentes: coerência humana e religiosa, serenidade constante, amor ao próximo. Este amor fez crescer nele a vocação missionária, pelo que, depois do aspirantado, partiu para a Thailândia, para aí fazer o noviciado. Desde 1965 que estudava teologia em Salerno, onde conquistou a amizade de todos. Esta oração revela a sua autêntica paixão por Cristo: « Jesus, Tu que lês no mais profundo do meu coração, vês que quero amar-Te muito, muito. Oh Deus da minha alma, só Tu és amigo sincero, que imensamente me amas como sou. Quero fazer da minha vida uma alegre e generosa oferta continua de mim mesmo por Ti e pelas almas ».

Coadj. José Mazzucchelli

n. 11-10-1917; fal. em Milão (Itália) 8-11-1967, com 50 anos de idade e 27 de profissão.

Cadj. José Nones

n. 22-6-1919; fal. em Sangradouro (Brasil) 15-6-1967, com 48 anos de idade e 10 de profissão.

Vocação adulta de Belluno (Itália), partiu como missionário para o Brasil, dois anos após a profissão, e foi dos primeiros a trabalhar com os Xavantes. Sempre exemplar como religioso, e pronto para o sacri-

fício. Vitima de um acidente de camião, morreu a rezar o terço, enquanto o levavam para casa.

P. Guido Ravasi

n. 3-3-1903; fal. em Treviglio (Itália) 3-9-1967, com 64 anos de idade, 48 de profissão e 39 de sacerdócio.

P. José Riba

n. 1-4-1901; fal. em Salta (Argentina) 21-9-1967, com 66 anos de idade, 49 de profissão e 41 de sacerdócio.

Foi professor e catequista muito apreciado, e desde os primeiros anos da sua vida salesiana propagou abundantemente a devoção a S. Domingos Sávio; em 1954 ele mesmo organizou em Buenos Aires os festejos da sua canonização. Devido á habilidade administrativa que possuía, foi-lhe confiado o cargo de delegado nacional para as questões escolares com as autoridades do estado.

P. Emílio Rico

n. 15-9-1884; fal. em Medelin (Colômbia) 26-10-1967, com 83 anos de idade, 66 de profissão e 54 de sacerdócio. Foi 24 anos director.

Era ainda do primeiros tempos da Colômbia salesiana, e foi uma figura veneranda, que a todos ofereceu um magnifico exemplo de trabalho sacerdotal e salesiano. Teve um intenso curriculum apostólico, primeiro como professor e depois como director nas casas de formação. Fundou as casas de Tunja e Tuluá. Será sempre recordada, na nossa inspeccoria, a sua figura de zeloso sacerdote e de salesiano amante da Congregação.

P. Jose Rola

n. 11-10-1926; fal. em Fatumaca (Timor Português) 7-11-1967, com 41 anos de idade, 23 de profissão e 13 de sacerdócio. Foi 3 anos director.

O P. Rola foi um homen de vida interior. Vivia intensamente o apostolado missionário, e não descansou enquanto não voltou ao seu campo de trabalho. Mostrou-se exacto no cumprimento do dever e rigoroso consigo mesmo.

P. Luís Rosti

n. 24-3-1909; fal em Fiesco (Itália) 19-9-1967, com 58 anos de idade, 39 de profissão e 32 de sacerdócio.

Foi um sacerdote que viveu a sua vocação com simplicidade e dedicação, tanto no ensino como na paróquia. Dedicou todo o seu tempo ao estudo de assuntos históricos e religiosos, e disso tirou

conforto para os sofrimentos dos seus últimos anos, sofrimentos que aceitou com resignação crista e que ofereceu pelo bem dos jovens, que atendia no ministério da confissão.

P. Carlos Ruloph

n. 19-8-1938; fal. em Richmond (USA) 10-9-1967, com 29 anos de idade, 10-de profissão e seis meses de sacerdócio.

P. António Salsi

n. 23-8-1903; fal. em Parma (Itália) 26-6-1967, com 63 anos de idade, 44 de profissão e 35 de sacerdócio.

Exerceu apostolado nos oratórios e nas paróquias de várias casas. Por fim, foi confessor, em Parma, dos rapazes e dos irmãos; era particularmente indicado para este munus, por ser um homem simples e de grande bondade, capaz de compreender e de aconselhar. Uma paralisia obrigou-o á imobilidade, nos últimos anos da sua vida.

P. Gustavo Schiaffini

n. 15-11-1887; fal. em Roma (Itália) 5-7-1967, com 79 anos de idade, 58 de profissão e 45 de sacerdócio.

P. Eduardo Swider

n. 21-2-1914; fal. em Przemysl (Polónia) 7-9-1967, com 53 anos de idade, 29 de profissão e 20 de sacerdócio.

Trabalhou 10 anos na Palestina, que sempre recordou com saudade. De regresso á Polónia, foi pároco, professor, e, últimamente, capelão do hospital. Sabia aproximar-se das pessoas com um trato fácil, pelo que tinha inúmeros amigos em toda a parte. Era tão estimado pelo seu trabalho no hospital de Przemysl, que o Bispo da Diocese quis, pessoalmente, tomar parte no funeral e celebrar, ele próprio, a missa.

Coadj. José Vandewal

n. 13-3-1888; fal. em Hechtel (Belgica) 24-10-1967, com 79 anos de idade e 41 de profissão.

Oriundo de família humilde, cultivou na sua vida, sobretudo, a sobriedade e a pobreza, próprias do espírito salesiano. Prestou-se ao serviço de todos, irmãos e jovens. Encontrou na Eucaristia a força para ser um bom religioso, fazendo do seu trabalho agrícola um apostolado. Aceitou cristãmente a cruz da última doença.

P. Francisco Villanueva

n. 9-3-1910; fal. em Mérida (Espanha) 10-10-1967, com 57 anos de idade, 41 de profissão e 25 de sacerdócio.

3° Elenco 1967

N.	COGNOME E NOME	DATA DI NASCITA	ISPETTORIA	LOCALITÀ E DATA DI MORTE	ETÀ	
82	Sac. ADAMO Pietro	26-3-1910	Sicula	Catania (Italia)	16-7-1967	57
83	Coad. ALBIZURI Asensio	27-10-1885	Bilbao	Pasajes (Spagna)	7-4-1967	81
84	Sac. AMATO Nunzio	20-12-1886	Sicula	Messina (Italia)	21-8-1967	80
85	Coad. BAGSIK Paolo	18-11-1884	Lódz (Pol.)	Czerwinsk (Polonia)	11-8-1967	82
86	Sac. BARTON Ladislao	24-6-1906	Kraków (Pol.)	Rzaska (Polonia)	1-9-1967	61
87	Sac. BOAT Francesco	2-8-1901	Inghilterra	Cape Town (S. Africa)	16-10-1967	66
88	Sac. BONIFACINO Giovanni	2-9-1898	Uruguay	Montevideo	7-6-1967	68
89	Sac. BRUSADELLI Gius.	16-7-1884	Centrale	Piossasco (Italia)	13-11-1967	83
90	Sac. CALDER Alessandro	10-12-1901	Inghilterra	Grange-over-Sands (Ingh.)	15-10-1967	65
91	Sac. CATTANEO Giovanni	23-2-1881	Ligure	Firenze (Italia)	21-7-1967	86
92	Sac. CAVALLO Eugenio	4-7-1887	Ligure	Genova-Quarto (Italia)	13-10-1967	80
93	Sac. CERDÀ Raffaele	26-1-1893	Barcelona	Mataró (Spagna)	11-10-1967	74
94	Sac. COCCO Andrea	20-5-1890	Romana	Santulussurgiu (Italia)	20-10-1967	77
95	Coad. CUSINI Michele	7-9-1911	Madras (India)	Napoli (Italia)	27-9-1967	56
96	Sac. DOMINO Stanislao	30-4-1907	Kraków (Pol.)	Oswiecim (Polonia)	4-9-1967	60
97	Coad. GALVIS Giuseppe	5-5-1900	Bogotá (Col.)	Silvania (Colombia)	24-8-1967	67
98	Sac. GASBARRI Giovanni	5-11-1886	Perù	Lima (Perù)	10-10-1967	80
99	Sac. GUERRIER Enrico	28-11-1921	Paris (Fr.)	Saintes-Maries de la Mer (Francia)	18-6-1967	45
100	Coad. HAREN Marcello	11-4-1912	Africa Cen.	Kigali (Rwanda)	19-8-1967	55
101	Sac. JERONIMO Giacomo	23-5-1884	Uruguay	Montevideo (Uruguay)	2-5-1967	82
102	Sac. KOTULA Alessandro	26-2-1877	Kraków (Pol.)	Oswiecim (Polonia)	29-7-1967	90
103	Sac. KUBRYCHT Mariano	18-9-1901	Lódz (Pol.)	Aleksandrów Kujawski (Polonia)	29-9-1967	66
104	Coad. LINGG Guglielmo	3-2-1885	Köln (Germ.)	Helenenberg (Germania)	13-9-1967	82
105	Coad. MARTIN Anastasio	30-5-1887	Barcelona	Barcelona (Spagna)	1-7-1967	80
106	Ch. MARZARI Tullio	9-11-1939	Thailandia	Rovereto (Italia)	6-9-1967	27
107	Coad. MAZZUCHELLI Gius.	11-10-1917	Orientale	Milano (Italia)	8-11-1967	50
108	Coad. NONES Giuseppe	22-6-1919	Campo Grande	Sangradouiro (Brasil)	15-6-1967	48
109	Sac. RAVASI Guido	3-3-1903	Lombarda	Treviglio (Italia)	3-9-1967	64
110	Sac. RIBA Giuseppe	1-4-1901	Buenos Aires	Salta (Argentina)	21-9-1967	66
111	Sac. RICO Emilio	15-9-1884	Medellín	Medellin (Colombia)	26-10-1967	83
112	Sac. ROLA Giuseppe	11-10-1926	Portogallo	Fatumaca (Timor Port.)	7-11-1967	41
113	Sac. ROSTI Luigi	24-3-1909	Lombarda	Fiesco (Italia)	19-9-1967	58
114	Sac. RULOPH Carlo	19-8-1938	S. Francisco	Richmond (U.S.A.)	10-9-1967	29
115	Sac. SALSI Antonio	23-8-1903	Lombarda	Parma (Italia)	26-6-1967	63
116	Sac. SCHIAFFINI Gustavo	15-11-1887	Romana	Roma	5-7-1967	79
117	Sac. SWIDER Edoardo	21-2-1914	Kraków	Przemysl (Polonia)	7-9-1967	53
118	Coad. VANDEWAL Giuseppe	13-3-1888	Belgio Nord	Hechtel (Belgio)	24-10-1967	79
119	Sac. VILLANUEVA Fran.	9-3-1910	Sevilla	Mérida (Spagna)	10-10-1967	57